

Stadium

As atitudes dos jogadores transformam-se, por vezes, em quadros preciosos, de harmonia e beleza! Veja-se este pulo de Espírito Santo e o salto, perfeito e correcto de um algarvio, ambos disputando a bola, no Benfica-Olhanense de domingo passado no Campo Grande



N.º 212

25 DE DEZEMBRO DE 1946

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

As surpresas animam o Torneio

SPORTING e PORTO à cabeça!

Há ainda muito caminho na frente...

Crónica de TAVARES DA SILVA



EM pleno desenvolvimento, o Campeonato da Primeira Divisão — tão curioso! — deu-nos, na sua jornada número quatro, o fruto sabo-

roso das surpresas!

Verificaram-se os seguintes resultados:

Benfica.....	4	—	Olhanense..	1
Sporting.....	3	—	Porto.....	2
Vitória S.....	0	—	Famalicão..	1
Académica.....	2	—	Belenenses..	0
Estoril.....	5	—	Vitória G...	0
Elvas.....	2	—	Atlético....	1
Boavista.....	6	—	Sanjoanense	1

Dois clubes lisboetas de nomeada, o Belenenses e o Atlético, perderam fora de casa — como que aviso para todos os concorrentes. Se todos os encontros são difíceis, os que se disputam no lar do adversário constituem obstáculos sérios. Os espanhóis costumam dizer, e com certa razão, que os Torneios se ganham com os pontos conquistados na casa do vizinho. Essas derrotas significam, no entanto, que tanto a Académica como o Elvas, este treinado por Alfredo Valadas, têm fundo suficiente para, em tardes de acerto, cometerem proezas. E não escondemos que semelhantes triunfos fazem muito bem às equipas.

Por outro lado, o Famalicão desceu a Setúbal e aí, no campo dos Arcos, bateu os setubalenses — que tão bom rendimento vinham dando. Parece isto indicar que o grupo de Famalicão não se intimida facilmente no estrangeiro. Ainda que o seu team acusa moidade, e esta convida aos atrevimentos.

Na velha luta Lisboa-Porto, o Sporting levou a melhor — mas o Porto não deixou a capital diminuído. Eis o seu melhor elogio.

Também um dos mais categorizados representantes da Província, o Olhanense, foi batido em Lisboa. Os algarvios, ao contrário dos portugueses, exprimem uma crise que as suas exhibições reflectem.

De uma forma geral, os encontros da 4.ª jornada decorreram com equilíbrio, na luta das perguntas e respostas. Há a destacar, como resultados de deslize, a facilidade com que os do Estoril se desembaraçaram dos vimaranenses, e a punição dos rapazes de S. João da Madeira no Estádio do Lima.

A classificação geral está disposta desta maneira:

Sporting, 6 pontos, 3 vitórias e

1 derrota, 21-11 em bolas; Porto 6, 3 vitórias e 1 derrota, 9-6; Vitória de Setúbal 5, 2 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 8-4; Académica 5, 2 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 7-7; Estoril 4, 2 vitórias e 2 derrotas, 13-7; Elvas 4, 2 vitórias e 2 derrotas, 14-10; Benfica 4, 2 vitórias e 2 derrotas, 14-12; Boavista 4, 2 vitórias e derrotas, 9-5; Olhanense 4, 2 vitórias e 2 derrotas, 7-8; Famalicão 4, 2 vitórias e 2 derrotas, 13-16; Belenenses 3, 1 vitória, 1 empate e 2 derrotas, 3-5; Atlético 3, 1 vitória, 1 empate e 2 derrotas, 8-12; Vitória de Guimarães 3, 1 vitória, 1 empate e 2 derrotas, 5-12; Sanjoanense 1 ponto, 1 empate e 3 derrotas, 3-19 em bolas.

Todos os concorrentes já disputaram 4 desafios, e nenhum deles está branco de derrotas. O Porto e o Vitória de Setúbal deixaram de ter limpa a sua caderneta.

A tabela sofreu alterações de vulto: o Sporting alinha agora à cabeça juntamente com o Porto; Setúbal desceu um ponto; a Académica subiu muitos degraus, estando em 4.º lugar. Segue-se um lote de 6 concorrentes em igualdade de pontos (quatro), e um de três também no mesmo nível (três pontos). O Sanjoanense fecha o cortejo!

Os leões venceram por um fio!



Ispitou-se um verdadeiro desafio de competição no Lumiar A! O encontro começou por ter clareza de jogo para depois se tornar um pouco confuso, mas extraordinariamente emotivo. A assistência vibrou.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Porto: Barrigana, Alfredo Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Correia Dias, Sanfins e Catolino.

Árbitro: Augusto Pacheco, de Aveiro.

O Sporting jogou mais do que o seu adversário em toda a primeira parte, não obstante o desperdício de remates. Todas as peças, de um modo geral, bem colocadas no terreno, e os médios de ataque desviando bem os homens da frente e estes a prosse-

guirem nas jogadas com habilidade. Cruzando o jogo e variando os golpes, a dianteira sportinguista exerceu domínio territorial — sem rasgar a coesão do adversário. Nessas ofensivas distinguiram-se particularmente a asa esquerda, se bem que a linha tivesse um chefe.

Depois, na segunda parte, alguns movimentos de perfuração, lançados pelo interior-direito português, bateram a defesa leonina. Quando o Porto passou de 0-1 para 2-1 — verificou-se, inevitavelmente, o pânico!

Dessa altura em diante, a imagem do encontro dá-se nos seguintes termos: um Sporting a atacar furiosamente, e um Porto a defender-se com decisão. Deste pleito resultaram várias jogadas à margem da lei, que não sofreram punição. O Sporting teve a fortuna de estabelecer o empate e chegar à vitória — já perto do fim. Venceu bem, assim como o Porto perdeu bem...

Enquanto que nos sportingistas se registou grande abundância de passes, do outro lado houve golpes magistrais lançados com saber e oportunidade. As vezes, duas ou três jogadas, bem estudadas, têm um valor destrutivo muito semelhante ao dos venenos que matam num repente.

Jogadores a destacar: Barrigana, Alfredo, Romão, Lourenço, Sanfins e o magnífico Araújo — no Porto; Manuel Marques, Veríssimo, Travassos, Albano e Peyroteo — no Sporting.

Superioridade do Benfica contra o Olhanense



Atamos dito por várias vezes que a lei das lesões influi poderosamente na marcha do jogo. Ora, no Campo Grande, o Olhanense apresentou-se desfalcado, e ainda por cima viu por terra logo nos primeiros minutos a sua combinação defensiva. Todavia, mesmo com esta atenuante, a equipa algarvia não podia ter veleidades. Os benfiquenses mostraram superioridade em todos os sectores.

Benfica: Martins, F. Ferreira, Teixeira, Jacinto, Moreira, Félix, Espírito Santo, Melão, Baptista, Júlio e Rogério.

Olhanense: Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Soares, Palma, Cabrita, Januário e Queiroga.



JULIO, um avançado que fez qualquer lugar no ataque! Ainda na passada jornada, o seu jogo luziu na companhia de Rogério

Árbitro: Paulo Oliveira, de Santarém.

O desafio teve pouco mais ou menos as mesmas características do princípio ao fim: feição de ataque, vivo e rápido, por parte do Benfica; preocupação de defesa do lado algarvio.

Nem sempre, porém, os atacantes do Benfica deram o devido seguimento ao serviço dos médios e mesmo dos backs. Deste modo, o team mostrou-se de grande homogeneidade no bloco da defesa, mas um pouco desconjuntado no ataque.

Os algarvios jogaram com muita decisão, no desejo magnífico de luta. Perder sim — mas devagar. Sempre que a sua dianteira, desligada, quis romper o quadro defensivo do adversário, foi batida. O bloco encarnado manteve-se firme e forte.

Jogadores a destacar: Francisco Ferreira, Félix, Júlio e Rogério, do Benfica; Abraão, Nunes e João da Palma, no Olhanense.

Famalicão sabe jogar...



O campo dos Arcos passou-se uma cena que é vulgar em futebol: um grupo dominou no ponto de vista territorial — acabando no fim e ao cabo por perder a partida num golpe mortal desferido pelo adversário.

Vitória de Setúbal — Baptista, Pereira, Montês, Pina, Pacheco, Figueiredo, Passos, Nunes, Manuel Tomás, Rendas e Borges.

Famalicão — Sansão, Climaco, Cerqueira, Armando, Szabo, Ferrão, Mendes, Pires, Alvaro Pereira, Telechea e Adélino.

Árbitro — António José dos Santos, de Lisboa.

O jogo decorreu com velocidade. Em qualquer dos lados, os jogadores não demoraram muito a bola nos pés. O Vitória, ao atacar, fê-lo em bloco: a sua linha dianteira, colhendo a bola dos médios, progredia no terreno, em triangu-

lações, pecando na conclusão pelo desperdício da oportunidade. O Famacão não se deu por achado. Denotando mesmo uma certa facilidade de movimentos, o grupo reagiu em todas as ocasiões. Parecendo-nos até justo que se diga que nunca perdeu o sentido da ofensiva. Alguns dos seus golpes colocaram a defesa contrária em sobresalto.

Não é espectáculo novo. O Vitória desperdiçou oportunidades, e pagou caro a sua falta. O team de Famacão, dispondo de médios, pelo menos, um deles, mestre na distribuição de jogo, e de avançados de futebol desconcertante, aproveitou uma aberta para o triunfo. O grupo mostra, portanto, capacidade.

Jogadores a destacar: Montês, Nunes e Rendas, no Vitória; Szabo, Szabo, Alvaro Pereira e Pires, no Famacão.

Académica superior ao Belenenses!



QUANDO um team vence por ter sido superior ao adversário — não há lugar para a chamada à sorte ou ao azar. Assim aconteceu em Coimbra. A mais perfeita ligação da Académica venceu o Belenenses, o qual só conseguiu combinar bem em parcelas curtas do encontro.

Académica — Szabo, A. Maria, Mário Reis, Eduardo Santos, Branco, Brás, Melo, Azeredo, Jorge Santos, Leite e Bentes.

Belenenses — Capela, Moura, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael.

Árbitro — Vale Ramos, de Aveiro.

O Belenenses começou bem, mostrando a força que resulta do conjunto. Da defesa ao ataque, o fio do jogo desenrolava-se com naturalidade. Todavia, aos poucos, os avançados lisboetas começaram a aperceber-se da dificuldade da infiltração. Quando a Académica, mantendo a solidez da sua organização defensiva, passou decididamente ao ataque, o bloco belenense fragmentou-se ou abriu brechas. Isso significa logicamente que a defesa azul não esteve à altura do jogo. A Académica, sentindo-se forte, insistiu nas ofensivas — desenvolvendo bom futebol. Por outro lado, na altura em que os interiores belenenses quiseram mandar no terreno, os médios contrários não lho consentiram. O Belenenses estava irremediavelmente batido.

Jogadores a destacar: Mário

Reis, Eduardo Santos, Branco, Jorge Santos, Leite e Bentes — na Académica; Amaro, Gomes e Rafael — no Belenenses.

O Estoril convence — pelos actos!



Estoril venceu com facilidade o Vitória de Guimarães, aproveitando a maré cheia do seu jogo para atingir o intervalo com três bolas de vantagem.

Depois, chegou-lhe manter-se na expectativa: para os entusiásticos golpes do adversário e aproveitar oportunidades.

Estoril — Sebastião, Pereira, Elói, Oliveira Vieira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Lima.

Vitória de Guimarães — Machado, Garcia, João da Luz, Curado, Luciano, José Maria, Alexandre, Miguel, Tarujo, Teixeira e Aleixo.

Árbitro — José da Silva Pires, de Setúbal.

O Estoril Praia, cujos progressos são incontestáveis, mostrou possuir melhor team que o adversário. O nosso camarada Vasco Rocha caracteriza o grupo, em face da prova dada, da seguinte maneira: «Conjunto bem afinado; poder na defesa e na linha avançada; transposição fácil, suave, sem atritos, do jogo defensivo para ofensivo».

Os vencedores revelaram coesão na defesa. E note-se que Guimarães atacou alguma coisa, especialmente na segunda parte. Quando ao ataque, esteve sempre o homem preciso na triangulação do Estoril. Mas os de Guimarães não protegeram convenientemente a baliza, no centro do terreno, permitindo os remates fatais. O vencido, apesar de não ter marcado, produziu melhor futebol de ataque do que de defesa.

Jogadores a destacar: Pereira, Elói, Oliveira Vieira, Nunes, Vieira, Mota e Bravo — no Estoril; Machado e Alexandre — no grupo de Guimarães.

Elvas vence um dos lisboetas...



oi em Elvas que o Atlético caiu, e a verdade é que várias equipas, mesmo das melhores, lá têm sentido calafrios. Mas a vitória exprime o

jogo desenvolvido. O grupo elvens, no balanço da partida, foi superior ao adversário. Este não soube reagir — quando o adversário cresceu.

Elvas: Semedo, Neves, Oliveira, Henrique, Rebelo, Toninho, Virgílio, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

Atlético: Correia, Baptista, Castro, Franco, José Lopes, Moraes, Oscar, Armindo, Américo, Gregório e Marques.

No primeiro tempo, com entusiasmo, o Atlético atacou, organizando bem os seus ataques. Os elvens resistiram, contudo, não

só com galhardia como contratacando. O goal de começo deu-lhe virtudes...

Após o intervalo, da feição de equilíbrio passou-se para a fase de vantagem elvens.

Note-se o seguinte: o empate registava-se porque José Lopes aproveitara uma grande penalidade, ao contrário de Patalino.

Os rapazes de Elvas lançaram-se com ardor na ofensiva, desenhando ataques sobre ataques. O Atlético desorganizou-se, e viu-se obrigado quase que só a defender-se. Desorganizado e um pouco desmoralizado. Dando, mesmo, provas de cansaço físico.

Jogadores a destacar: Rebelo, Nunes e Patalino, de Elvas; Baptista, Castro e José Lopes, do Atlético.

O hábito de luta e a vantagem do Boavista



S equipas como o Sanjoanense, enquanto podem, dão tudo quanto lhes é possível. Isto quer dizer que não sabem desear convenientemente

o seu esforço, e daqui resulta um abaixamento sensível à medida que a partida se desenvolve. Enquanto o Sanjoanense teve forças, o jogo decorreu com equilíbrio. Depois — ficou só em campo o Boavista.

Boavista — Mota, Silva, Pereira,

Garcia, Raimundo, Ramos, Zeca, Serafim, Caiado II, Caiado I e Barros.

Sanjoanense — Mota, Machado, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Carvalho, Parda, Santos, Quintino, Azevedo e Arlindo.

Os teams chegaram ao intervalo em branco. Mas os sanjoanenses tinham feito um esforço penoso; e, como consequência, surgiu futebol de ataque por parte dos boavistas. Estes fizeram, então, jogadas vistosas, de triangulação fácil, passando a bola com rapidez e precisão. Os rapazes de S. João da Madeira replicaram, uma vez por outra, mas a marcação de bolas por parte do adversário foi-lhes tirando forças. No entanto, e mesmo assim, depois do resultado ter 5-0, ainda aproveitaram uma oportunidade e conseguiram o ponto de honra.

Não tendo sido um encontro perfeito, no ponto de vista técnico, registaram-se algumas jogadas vistosas.

Jogadores a destacar: Zeca, Ramos, Caiado I e Garcia, no Boavista; Mota, Baptista e Parda, no Sanjoanense.

A 5.ª jornada da Primeira Divisão

A 5.ª jornada, que se disputa no próximo domingo, é formada pelos seguintes encontros:

Sporting-Académica; Belenenses-Elvas; Atlético-Vitória S.; Famacão-Boavista; Sanjoanense-Benfica; Olhanense-Estoril; e Porto-Vitória G.

CAMPEONATO DE JUNIORES DA A. F. L.

PROSEGUEU no último domingo o 11.º Campeonato de Juniores da A. F. L., que a despeito da desistência de duas equipas concorrentes, continua a despertar interesse e a desenvolver-se com animação.

A terceira jornada da competição fornece só dez encontros, que, de um modo geral, não proporcionaram surpresas nem modificaram a impressão de que o certame redne nesta sua «edição» valores mais nivelados do que nos anos anteriores. Este maior equilíbrio parece, porém, resultar mais das menores possibilidades das equipas representativas dos clubes de primeiro plano do que de melhoria dos concorrentes mais modestos.

Quatro apontamento: das nove equipas que ganharam os seus encontros, só uma conseguiu diferença superior a três tentos, mas deve levar-se-lhe em conta que o adversário não reunia mais do que dez jogadores. E, das nove vencidas, só duas tiveram talento para bater os guarda-redes dos grupos contrários. Mantive-se, portanto, a ineficácia dos avançados.

Na primeira série, o Palmense venceu o Tarajense (3-0), fazendo alarde de superioridade convincente. E não se tivesse a defesa dos vencidos portado tão briosamente, que a equipa teria sofrido mais severa punição.

Em Sintra, o Futebol Benfica bateu o grupo local (2-0), jogando o suficiente para justificar o resultado.

Na segunda série, o encontro entre as equipas «A» do Estoril

e Oriental previa-se o mais equilibrado. Mas, afinal, o resultado (3-0, a favor dos lisboetas) ficou como o mais desnivelado da série. Note-se, no entanto, que os estorilistas deram boa conta de si. A maior felicidade dos «orientais» a rematar ditou a sorte da luta.

O grupo A dos «encarnados» recebeu a visita do Desportivo Operário. Venceu por 2-0, mas teve de suportar a resistência surpreendente do Desportivo Operário.

O Operário-Arroios (0-1) ficou como o desafio mais equilibrado da série. Tivesse ele valido mais alguma coisa sob o aspecto técnico...

Na terceira série, a equipa B do Benfica e a do Sacavenense disputaram partida de agrado. O empate com que a luta acabou (1-1) constitui desfecho certo.

O G. D. da C. U. F. venceu bem o Mirantense (4-1), mas nem vencedores nem vencidos deixaram satisfeitos os seus adeptos, pelo muito pouco que jogaram.

O Oriental B, defrontando o S. D. da C. P., firmou bem a sua superioridade (3-0), mas necessitou duma grande penalidade e duma conta para a tradução. Ora isto não abona muito o comportamento dos avançados.

Na quarta série, o grupo B dos Belenenses deu boa conta de si perante o Atlético (3-1), mormente na segunda parte. E o Cascalheira também não teve dificuldades em dominar o segundo grupo do Estoril.

D. D.

Ano V — II Série — N.º 212
Lisboa, 25 de Dezembro de 1944

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidónio João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903-1580A

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA



No campo de Rankof, em Basileia, as duas equipas a portuguesa e a suíça, apuradas, executam os hinos nacionais

PORTUGAL e SUIÇA defrontam-se pela 6.ª vez

Este jôgo abre a época internacional de futebol

No Estádio Nacional, a «sala de visitas» do desporto português, vamos receber no próximo dia 5 de Janeiro a selecção de futebol da Suíça. Nesse dia, já perto, disputar-se-á o 6.º Portugal-Suíça, um desafio que se assemelha um tanto ao Portugal-Espanha.

Sim, os portugueses têm batido todos os países — menos a Espanha! E contra a Suíça, em seis jogos, apenas — vencemos um! Eis porque dizemos que o Portugal-Suíça se assemelha um tanto ao Portugal-Espanha...

Parece haver, da nossa parte, um «complexo de inferioridade». Quantas vezes temos actuado melhor que os nossos vizinhos — e perdemos ou apenas empatamos... Pois, defrontando os suíços, só duas vezes, nos cinco encontros, houve resultados que corresponderam à marcha do jogo. De uma das vezes ganharam os suíços, nas Salésias, por 4-2; da outra vez, também nas Salésias — ainda não havia o Estádio Nacional — triunfaram os «nossos», por 3-0.

Mas nos outros três desafios não aconteceu o mesmo. Em todos, a Suíça levou a melhor. E, contudo, a melhor equipa foi a portuguesa!...

As relações desportivas entre Portugal e a Suíça começaram a tomar expressão firme em 1938, quando do último campeonato do mundo. Mas já há anos, há muitos anos, esteve no nosso país um «team» suíço de clube. Parece que foi o Chaux-de-Fonds. Não é do nosso tempo. E pouquíssimas referências temos visto a essa visita — que passou talvez um pouco despercebida...

O 1.º Portugal-Suíça efectuou-se em Milão, em 1 de Maio de 1938. Pouca sorte dos lusitanos: três remates na trave, uma grande penalidade desperdiçada por João Cruz, que era especialista na transformação desses castigos — era o «axax» a perseguir-nos — e um golo de Trello Abegglen em rápida deslocação!

As equipas estavam assim formadas: Suíça — Hubber, Minelli e Stelzer; Springer, Wernati e Guinchard; Bickel,

Trello Abegglen, Kietholz, Aebi e Wallaceck.

Portugal — Azevedo, Simões e Gustavo; Amaro, Albino e Carlos Pereira; Mourão, Soeiro, Peyroteo, Artur de Sousa e João Cruz.

Marcaram Aebi, Trello e Peyroteo. Alguns meses depois, em 6 de Novembro de 1938, jogou-se o 2.º Portugal-Suíça, em Lausana.

Os nossos adversários venceram, por 1-0. Marcou a bola Paulo Aebi, aos 3 m. da segunda parte. Quando o «enx» português estava reduzido a dez unidades. Mas deu-se um incidente: Gaspar cedeu o lugar a Amaro. Os suíços protestaram e Gaspar Pinto, já vestido como qualquer espectador, teve de se ir novamente equipar... Entretanto Amaro não jogava. Neste interregno marcou Aebi o golo da vitória...

A Suíça elinhou: Hubber, Lehman e Minelli; Springer, Vernati e Ranch; Bickel, Wallaceck, Aebi, Trello Abegglen e Jorge Aebi.

E Portugal: Azevedo, Vieira e Gustavo; Carlos Pereira, Albino e Gaspar Pinto; Rafael, Soeiro, Peyroteo, Artur de Sousa e João Cruz.

O 3.º Portugal-Suíça disputou-se, finalmente, no nosso país, em 12 de Fevereiro de 1939.

Contra a expectativa, pois os portugueses eram favoritos, a Suíça voltou a triunfar. 4-2 foi o resultado, que correspondeu abertamente à marcha do jogo. Enquanto que os lusitanos se inferiorizavam os suíços realizaram magnífica exibição, distinguindo-se o calvo veterano Trello Abegglen. O interior esquerdo helvético deu uma verdadeira lição de domínio de bola e de concepção de jogo. Um regalo para os entendidos...

Aebi marcou duas bolas, Bickel e Syllier uma cada; João Cruz e Soeiro foram os autores dos nossos tentos.

Suíça — Ballabio, Stelzer e Gauvain; Guinchard, Vernati e Ranch; Bickel,

Sydlar, Wallaceck, Trello Abegglen e Aebi.

Portugal — Azevedo, Vieira e Simões; Carlos Pereira, Albino e Gaspar Pinto; Mourão, Soeiro, Espírito Santo, Artur de Sousa e João Cruz.

Só três anos depois, já em plena guerra, se disputou o 4.º Portugal-Suíça, nas Salésias, em 1 de Janeiro de 1942.

Finalmente — vencemos! Excelente trabalho de defesa e um ataque brilhante, com Artur de Sousa e Alberto Gomes em primeiro plano, deram-nos um belo triunfo: 3-0! Mourão por duas vezes, e Alberto Gomes asseguraram a vitória de Portugal.

Portugal — Martins, Gaspar Pinto e Cardoso; Amaro, Carlos Pereira e Francisco Ferreira; Mourão, Alberto Gomes, Peyroteo, Artur de Sousa e João Cruz. Suíça — Ballabio, Minelli e Ortelli; Fornara, Rosuhart e Rickembach; Welber, Faschinietti, Amado, Ducomon e Keppenherger.

E vem o 5.º jogo em 21 de Maio de 1945. Portugal vai à Suíça, joga melhor — e perde! Sempre a má sorte a perseguir os portugueses... Friedlander obteve a única bola do encontro. Mas o domínio foi quase sempre nosso.

Estava escrito. Não podíamos vencer. Portugal — Azevedo, Cardoso e Feliciano; Amaro, Barrosa e Francisco Ferreira; Espírito Santo, Quaresma, Peyroteo, Teixeira e Rafael.

Suíça — Ballabio, Gycer e Steffen; Courtat, Andreoli e Bocqueti; Neury, Bickel, Amado, Friedlander e Aebi. Vamos ter, em breve, o 6.º Portugal-Suíça. A nossa selecção recomeça hoje a sua preparação, sob as ordens directas de Tavares da Silva.

Portugal, que ultimamente venceu a França e a Irlanda... empatou com a R. A. F. e bateu Paris, será capaz de fazer virar a «roda da fortuna»? Espere-mo-lo. Mas saibamos compreender que os suíços são bons jogadores...

São poucas as referências que temos do valor actual do futebol suíço. Sabe-

mos que o Servette é o detentor do título nacional, que o Lausana marcha na vanguarda da classificação, com o Sewette em 6.º lugar, que o Granger é a «quipa revelação», que o mesmo Granger tem nas suas filas cinco internacionais — Ballabio, Roth e Kern, todo o trio da defesa, Tanner e Courtat, médios laterais — que o Grasshoppers possui outros internacionais...

E sabemos, ainda que o seleccionador suíço está um tanto «atrapalhado» com a falta de de uma defesa de classe e um médio centro à altura do resto do grupo.

Steffen, o gigantesco Steffen, está em Londres no Chelsea; Andreoli, um médio centro primoroso, não pode deslocar-se por longos períodos...

Mas Steffen pode estar no Estádio Nacional. A Federação suíça vai apelar para ele e para o Chelsea. E uma viagem de Londres a Lisboa é rápida. O avião todo supre...

Dando, porém, como certa falta de Steffen e de Andreoli, nada nos habilita a que, por esse facto, julgemos a Suíça «presa fácil»... O futebol helvético é rico de bons valores, tem progredido, segue uma orientação firme...

E, depois, lembremo-nos que a Suíça, se tem os mais célebres montes da Europa, os magníficos queijos, as saborosas mantíguas, formosas paisagens, lagos maravilhosos, calma, paz e tranqüilidade — também tem muito «futebol»!...

MANUEL MOTA



No último Portugal-Suíça, em Basileia, em Maio de 1945, Azevedo foi batido uma só vez, o suficiente para perdêmos. A fotografia mostra o grande jogador Friedlander em acção, precisamente o homem que nos venceu. Francisco Ferreira segue a jogada



Os suíços também praticam o jogo de posição. Rafael, extremo-esquerdo, esteve sempre bem coberto. Neste lance — o jogador suíço teve vantagem



Herrerita, interior-esquerdo do Oviedo



Bañón, guarda-redes do Real Madrid



Querejeta, defesa-direito do Real Madrid



Curta, defesa-esquerdo do Barcelona

A TAREFA DO SELECIONADOR ESPANHOL

MADRID, especial para «Stadium», de Ramon Melcón.

FALTA pouco mais de um mês para a celebração do encontro Portugal-Espanha de futebol, e nada se sabe em Espanha da provável equipa nacional. O seleccionador, Pablo Hernandez Coronado, tem-se mostrado pouco explicito no ser abordado pelos jornalistas. As suas contestações têm sido somente idênticas vagas, nas quais surgem alguns nomes de jogadores como elementos aproveitáveis, mas sem que nenhum deles tenha um carácter definitivo, muito pelo contrário.

O seleccionador nacional tomou posse do seu cargo há pouco tempo. Dois meses e pouco apenas, nos quais se limitou a presenciar alguns encontros da Liga, com o fim de conhecer a forma actual dos mais qualificados aspirantes à internacionalização, assim como a de aqueles outros rapazes que, não tendo nunca figurado na nossa Selecção, têm no entanto condições para isso.

Não obstante, em algumas das declarações de Hernandez Coronado, este manifestou que, até à data, não teve, em firme, candidato algum; mas que teve oportunidade de comprovar a boa forma de alguns jogadores, que poderão ser seleccionados. O somatório de tudo isto é o seguinte:

O guarda-redes que mais probabilidades parece ter, até agora, é Bañón, do Real Madrid. A sua forma era esplêndida até a altura em que, há pouco mais de um mês, sofreu a fractura de um dedo, o que o obrigou a permanecer inactivo algumas jornadas da Liga, e o seu clube pôde verificar a importância da sua ausência. Reintegrado já no seu posto, Bañón jogou três partidas, um deles em Valência, onde, apesar do Madrid ter perdido por 4-1, foi o melhor homem da equipa, juntamente com o canário Molowny, novo interior do Madrid. Depois de Bañón, é Velasco, guarda-redes do Barcelona, o que parece satisfazer mais o seleccionador. De estatura alta, muito corpulento e ao mesmo tempo ágil, Velasco é, sem dúvida, um grande guarda-redes, de estilo pouco brilhante, mas enormemente eficaz. Enquanto a Eizaguirre, do Valência, ele tem atravessado uma época de pouca segurança, mas bem pode suceder que, à última hora, já novamente em forma, seja o preferido.

Na defesa, Querejeta, defesa-direito do Real Madrid, e Aparicio, esquerdo, do Atlético Aviación, são os que contam com a maior simpatia. O primeiro deles magoou-se em Sevilha e começará dentro de dias os treinos. Aparicio também está magoado. É in-

discutível que os dois juntos formariam uma grande parilha, dado que Querejeta é agilitíssimo e possui grande jogo de cabeça, e Aparicio, de sobre conhecido em Portugal, tem excepcionais dotes para ser, como no jogo contra a Irlanda, o melhor homem da equipa espanhola. Junto a estes, está Curta, defesa-esquerdo do Barcelona, que H. Coronado muito aprecia, e que tem não só toque de bola excelente como boa colocação e força. Se jogasse Velasco de guarda-redes, Curta poderia ser o eleito pela conveniência de entender-se facilmente com o seu companheiro de clube. Também a parilha defensiva do Valência, formada por Alvaro e Juan Ramon, se encontra num bom momento, e não seria nenhuma temeridade formar com eles e com Eizaguirre um trio firme, anido e de potência.

A linha média é a que mais preocupa o seleccionador e todos os aficionados espanhóis. Ipinia continua a ser o mestre de sempre, mas às vezes acaba uma ladiga que diminui grandemente as suas possibilidades. Tão pouco German, do Atlético Aviación, passa um grande momento, e, da mesma forma que o madrileño, dá a sensação de estar pesado. Um médio de quem o seleccionador gosta é Farias, médio-direito do Aviación, muito inteligente e de passe matemático. Barrenechea, médio-centro do Atlético de Bilbao, é um grande jogador de ataque, mas a sua juventude e inexperiência fazem com que fraqueje na defensiva. Fabregas, do Espanhol, baixou muito em relação à temporada última, se bem que possa muito bem cobrir o posto, tal como Diestro, do Oviedo. Os irmãos Gonzalo, do Barcelona; Asenía, do Valência; e Alconero, do Sevilha, devem também ser tidos em conta na hora das resoluções.

No ataque falta o avançado-centro. Magoado o barcelonista Martin, e baixo de jogo Zarra, do Atlético de Bilbao, muitos olhares se voltam para Langara, o jogador recém-incorporado, que na América jogou no S. Lourenço de Almagro, que está entre nós. Langara, mais lento do que antigamente, mas com mais jogo e o mesmo tiro que o torna célebre, é um sério candidato. Também pode acontecer que César, agora chefe do ataque do Barcelona, pela ausência de Martin, resolva as dúvidas do seleccionador. Como interiores, Barinaga, do Madrid, apesar de achar-se também magoado e cuja reaparição se anuncia para breve; Herreita, do Oviedo; Panizo, do Atlético de Bilbao; Campos, do Atlético Aviación; Arza, do Sevilha; e Igoa, do Valência, são igualmente muito citados. Todos eles têm classe sali-

ciente para ocupar dignamente o posto interior. Também o veterano Irlaragori, que, como Langara, voltou da América, poderia ser utilizado; porém, encontra-se inactivo por causa de uma lesão que não se sabe quando estará curada. Continua a ser o grande jogador do passado, posto que mais pesado do que há dez anos, mas ganhando em colocação o que perdeu em rapidez.

Como extremos, estão Anton, do Oviedo, e Eepl, do Valência, na direita. Os dois são bons jogadores: ambos dominam bem a bola, passam com precisão e são artilheiros. O valenciano recuperou o brio, que parecia estar perdido definitivamente, o que lhe custou não ser seleccionado contra a Irlanda. Tão pouco Irlondo, do Atlético de Bilbao, está desatado. E, por último, Juncosa, do Atlético Aviación, jogador extraordinário mas abusa em excesso do desgaste. Na esquerda, Gainza, do Atlético de Bilbao, é o que reúne maiores probabilidades. Depois dele, Bravo, do Barcelona, jogador rápido e efficacíssimo, que raras vezes se escapa sem marcar algum tento; Escudero, o jovem e promissor extremo do Atlético Aviación, revelação da temporada, poderá muito bem ser o escolhido, especialmente se for Campos quem jogue de interior-esquerdo. É veloz, valente e perigoso em frente das balizas. O veterano Emilin, do Oviedo, excessivamente frio, mas muito oportuno e jogador de grande classe, poderia formar uma asa de perigo com Herreita, seu companheiro de equipa.

Pouco falta, sem embargo, para que o seleccionador se decida. A um de Janeiro jogam os pre-seleccionados com o S. Lorenzo de Almagro. Já designada a equipa definitiva, haverá outro desafio contra os argentinos, uma semana antes do choque Portugal-Espanha. O primeiro destes encontros de prova disputar-se-á em Barcelona no campo de Las Cortes, e o segundo, no Estádio Metropolitano, de Madrid.

Há quantidade de jogadores, como pode apreciar-se; mas isto não pode considerar-se como facilidade para Hernandez Coronado. Abandonem os bons jogadores, sim; mas falem os excepcionais. E o seleccionador há-de ainda pensar muito para conseguir o alinhamento de um conjunto eficaz que possa sustentar, primeiro, os ataques dos portugueses — que aqui se acreditam, enfim, bons rematadores — e atacar depois de modo a não produzir-se a primeira vitória lusitana. O problema da linha média espanhola é, sem dúvida, o mais importante de quantos se acham presentes no Seleccionador Nacional.

R. M.



Uma «saída» do triplo-trapézio, para a rede, por um excelente ginasta: Rosa Duque

O sarau do Ginásio

ou a confirmação de uma obra notável!

O sarau efectuado pelo Ginásio Clube Português na passada terça-feira, dia 17, no Coliseu dos Recreios, constituiu sem sombra de dúvida um grande êxito para aquele modelar clube de educação física, e que ao país tem prestado inestimáveis serviços. O velho Ginásio continuou, deste modo, brilhantemente, a sua alta missão em prol da ginástica — fazendo forte a raça portuguesa.

O sarau esgotou a lotação do Coliseu, e manteve em permanente entusiasmo a numerosa assistência. Havendo momentos particularmente felizes — notas de rara beleza artística! — todos os números conseguiram interessar e foram executados com a correcção reveladora de boa escola.

A participação dos dois suíços, Ballesriedt e Tschudi, que, por feliz acaso, arribaram ao nosso país, valorizou grandemente a inesquecível festa de educação física. Causou assombro vê-los trabalhar, em *sou-plasse*, fazendo os trabalhos mais difíceis sem o mais leve esforço aparente. Podemos adiantar que raramente temos visto em Portugal atletas de tão bom quilete.

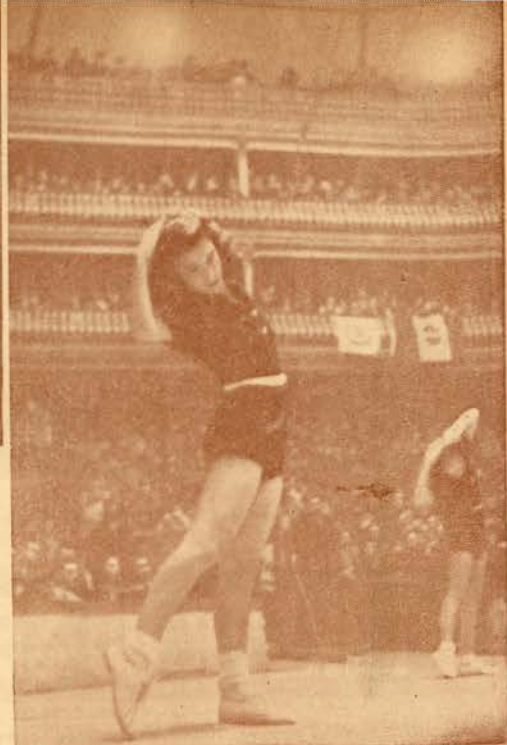
As exhibições de pugilismo, luta, e de pesos e alteres mostraram além de tudo o interesse que o clube vota à modelidade. São secções dirigidas

com dedicação.

Na ginástica artística, a equipa do triplo-trapézio revelou

treino e segurança. Os voos à Leotard, tão na tradição do Ginásio, impressionaram pelo equilíbrio e harmonia.

Como não podia deixar de ser, o Clube apresentou três classes de ginástica educativa, a cargo de um professor sueco: dos 5 aos 7 anos, mista; dos 8 aos 12 para rapazes; e uma de senhores. Todas estas classes revelaram um excelente método de ensino. Os exercícios de conjunto caracterizaram-se por uma certeza quase infalível de movimentos. Também a exhibição de mesa alemã, com exercícios inéditos, maravilhou a assistência. O Ginásio Clube Português prossegue normalmente a sua valiosíssima obra — como o último sarau demonstrou plenamente.

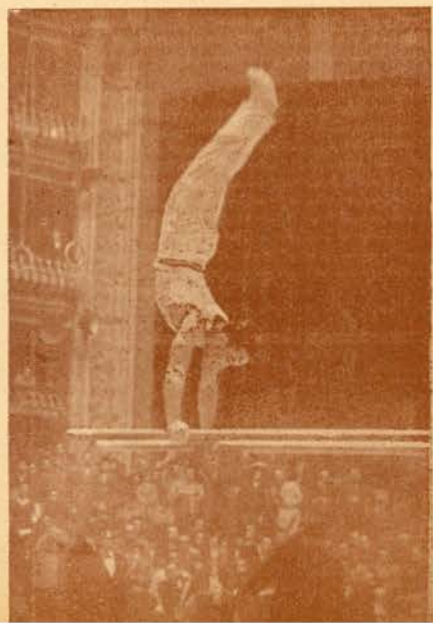


Maria Luísa Rodrigues Teles (é filha do nosso camarada...), da classe de senhores, num exercício «educativo», dirigido pelo professor sueco Curt Joehanson

Carlos Gomes, num exercício de paralelas. Repere-se na sua correcção

De novo Carlos Gomes, num «Cristo» que a numerosa assistência aplaudiu

Dois futuros ginastas, num exercício comendado por Curt Joehanson



PRIVAS de REMO na disputa do trofeu "CIDADE de LISBOA"



A senhora de Canela de Abreu, esposa do sr. ministro das Obras Públicas, no baptismo de um dos barcos de remo da Mocidade Portuguesa



Um aspecto da regata de principiantes



Um aspecto da regata de seniores

despertando no grande público desportivo o gosto pelas provas e práticas do remo.

Vem isto a propósito da regata de domingo, até porque encontramos nesta observação seu ponto de contacto com a não comparência do Clube Naval de Lisboa e não terem alinhado, embora estivessem anotados no programa das regatas as tripulações B da Associação Naval.

No entanto confiemos no grupo de boas vontades que em cada clube se contam — nomes antigos que defendem a glória desportiva do seu clube e do seu desporto e nos novos sobre quem recaem todas as esperanças.

As regatas de domingo, apesar dessas faltas, tiveram beleza. Que o remo é desporto emotivo.

O rio estava esplêndido e as duas regatas para a taça «Cidade de Lisboa» tecnicamente foram bem disputadas. De uma maneira geral, porquanto na prova de «yolles» de 8 seniores viu-se que a tripulação da Associação Naval, já passados os 1.500 metros e quando a C. U. F. remava com vigor para o final abrandou a remada.

Isso deve ter ajudado ao terceiro lugar que conquistou, se bem que a tripulação da C. P. se mostrou desde o início capaz de uma boa classificação. Já na outra prova, «yolles» de 8 principiantes, a luta foi bem mais equilibrada. Se a vitória da C. P. foi merecidíssima há que se em conta o esforço entusiástico das tripulações da Associação e da C. U. F. De princípio ao fim as três embarcações foram impulsionadas com vigor fornecendo-nos aspectos de bom nível técnico. Os mais novos deram boa conta de si. E foi por uma tripulação de gente nova que a taça foi conquistada pois que foi a vitória dos principiantes que deu o prémio à C. P., ajudados na pontuação pelo segundo lugar que o clube havia conquistado na primeira regata.

Uma outra prova de especial interesse e significado: a regata entre duas tripulações da Mocidade Portuguesa, de Lisboa e Barreiro.

Os rapazes, do centro de remo da M. P., demonstraram belas qualidades garantindo-nos que deles muito pode esperar a valorização futura do remo nacional.

Pertenceu a vitória aos barreirenses, mas uns e outros, igualaram-se em entusiasmo.

Ao fim e ao cabo esta jornada de remo alegrou por umas horas o nosso Tejo e prometeu-nos que a boa vontade e o interesse hão-de continuar a dar vida e animação a tão útil e belo desporto. Oxalá assim seja.

F. S.



O vereador da Câmara Municipal de Lisboa, sr. Francisco Marques, faz a entrega do magnífico trofeu ao Grupo Desportivo da C. P.



A tripulação do Centro da Mocidade Portuguesa do Barreiro, que venceu a prova de yolles de 4, em competição com Lisboa



A tripulação da Mocidade Portuguesa de Lisboa, que, tendo-se comportado bem, foi derrotada pelo Barreiro



Os vencedores da prova de yolles de 8 para principiantes: a tripulação da C. P.

A taça «Cidade de Lisboa» — prémio instituído pela Câmara Municipal para ser disputado pelos clubes do Tejo numa regata anual — constitui uma iniciativa de apreciável valor, pela importância do prémio e porque é mais um estímulo para os remadores dos clubes. É além disso mais um motivo de propaganda, que dela bem continua precisando o remo — desporto de tão prestigiosas tradições entre nós. Portanto este trofeu vem auxiliar essa propaganda necessária, quanto a fazer despertar no público um maior interesse pelas provas de remo e também dentro dos clubes. Lembremo-nos na necessidade constante da renovação das tripulações, pensemos nos remadores que dedicadamente se mantêm em actividade compondo as tripulações para campeonatos e provas oficiais.

E por isso necessária a campanha dos clubes, lançando-se ainda com mais entusiasmo no desejo de conseguirem muitos mais remadores para os seus clubes. Não se trata evidentemente de popularizar demasiadamente o remo mas de lhe dar uma maior propaganda

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Depois da segunda eliminatória do torneio para a Taça de Inglaterra, apenas um clube estranho à Liga de Futebol, o *Gillingham*, se conserva na prova. Foi uma surpresa tremenda, tanto mais que o *Bristol City*, seu adversário, venceu embora por 2-1, ocupa o terceiro posto no campeonato da 3.ª Divisão (Zona Sul).

Gillingham mereceu a vitória, adaptando o seu jogo ao terreno e às condições atmosféricas, distinguindo-se Russell, marcador do tento de desempate.

Southend United, também da 3.ª Divisão, foi mais feliz ganhando ao *Barnet* por 9-2, mercê do mau trabalho da guarda-redes e aproveitando o piso lamacento por modo criterioso.

O sorteio para a terceira eliminatória da Taça já se efectuou. Os clubes londrinos tiveram sorte, pois oito jogarão em casa, no dia 11 de Janeiro, e só um irá para fora da capital. Isto aumenta as probabilidades de todos entrarem na quarta eliminatória.

O match mais palpitante será o de *Stoke City* com *Tottenham Hotspurs*. O *Arsenal* derrotará *Chelsea*, o enigmático, no campo de Highbury, e o *Charlton*, o *Rochdale*, nessa 3.ª eliminatória.

♦ O campeonato divisionário das Ligas prossegue no ritmo costumado. Na décima nona jornada registaram-se bastantes surpresas, e enquanto os terrenos se conservarem tão húmidos, é de esperar que tal suceda.

O jogo entre *Fulham* e *Nottigham Forest* foi suspenso, após 23 minutos da segunda parte, por causa do nevoeiro, e *West Ham* não enfrentou *Newport* por igual motivo.

Middlesbrough aplicou 5-0 ao *Blackpool*, no campo deste clube, outro tanto fazendo *Liverpool* ao *Sunderland* por 4-1. *Hardwick*, na defesa, e *Mannion* ao ataque foram os principais artífices do primeiro resultado, ao passo que o veterano Jack Balmer e *Stubbins*, do *Liverpool*, construíram a vitória do seu clube.

O êxito do *Stoke City*, ganhando por 4-1 ao *Brentford*, notabilizou o trabalho de Matthews e de A. Smith, pontas da linha dianteira. Junto com eles é justo salientar *Bartram*, guarda-redes do *Charlton*, que perdeu ante o *Arsenal* (1-0), salvando tentos quase certos dos "vermelhos".

A frente da classificação segue o *Wolverhampton* (28 pontos), seguido de *Liverpool* (26), com menos um desafio, *Middlesbrough* (24) menos dois, etc.

Na segunda Divisão, *Newcastle*, *Birmingham* e *Burnley* continuam a par com 26 pontos. Na peugada seguem *Manchester City* e *Chesterfield*, ambos com 25 pontos.

Na 3.ª (Norte) o *Chester* e *Doncaster* vão lado a lado com 31 pontos, bem distanciados do seguinte, *Rotherham*, que possui apenas 24. Na zona Sul, *Cardiff* prossegue na vanguarda, tendo o *Queen Park* e o *Bristol* como principais antagonistas.



Em Malmö (Suécia) ocorreu este triste fatality durante um combate de boxe. Eram adversários Oiva Purko, finlandês, e Jack Bennet, pugilista de cor, que no último assalto foi atingido com um golpe violento, caindo fora de combate. Conduzido ao hospital desmaiado (conforme a gravura mostra), faleceu algumas horas mais tarde.

BOXE

EM ESPANHA

Luis de Santiago perdeu em Madrid, ante Valdés, por desclassificação ao 4.º assalto. Os dois primeiros tinham sido lentos e no momento do soco baixo nenhum havia logrado vantagem.

No mesmo sarau, Ciclone e Torralba empataram após 8 rounds, mas o canário mostrou-se superior.

EM INGLATERRA

Em Nottingham celebrou-se uma reunião pugilística bastante notável. O combate principal opôs o belga Raul Degryse, meio-leve que se pretende campeão da Europa, ao inglês Jimmy Gill, que o derrotou por pontos no fim de dez assaltos.

NA AMÉRICA

Realizou-se em Nova York um banquete de homenagem a Joe Louis. Assistiram quase mil pessoas e no fim do ágape foi leiloado, para fins de beneficência, o par de luvas com que o campeão abateu no mês de Setembro Tami Mauriello.

Piorou consideravelmente o estado de saúde de Mike Jacobs, empresário do Madison Square Garden, que adoeceu há dias com uma hemorragia cerebral.

NOTA

DA

SEMANA

O preço de um cavalo de boa raça, que já lenha fornecido provas cabais da sua excelência, atinge em certos momentos cifras enormes. Isto ocorre com regularidade, sendo, aliás, do domínio dos leilões, especialmente aqueles para quem a vida do turf constitui atractivo apreciável.

O que supomos inédito e destoante desta quadra invernal — fresca e congelada sem ajuda de artificios — foi a transacção há poucas semanas realizada entre o Sr. Boyrien, criador de cavalos, proprietário de Prince Chevalier, equidito vitorioso no Grande Prémio do Jockey Clube

de Paris, e o grupo de ingleses, que pagou pelo animal uma conta calada, em libras do Banco de Inglaterra.

Prince Chevalier, depois de vendido, começou a causar amargos de boca ao antigo dono. As autoridades inglesas opuseram-se, de acordo com as disposições legais em vigor, à saída do dinheiro para fora das fronteiras.

O consórcio comprador e o ex-proprietário procuraram, então, uma fórmula conveniente, que permitisse concluir o negócio. Para tanto, os governos francês e inglês iniciaram conversações directas (que foram longas e complicadas...), acabando por se assenar no seguinte: A Inglaterra vai enviar, com urgência, para França, determinadas peças acessórias indispensáveis ao fabrico de geleiras cuja construção tem estado suspensa por carência das peças citadas, até atingir o preço de Prince Chevalier.

O governo francês, em face deste acordo, pagará directamente a Mr. Boyrien a quantia que ele tinha de receber do consórcio comprador.

O que nesta transacção banal tem aspecto de novidade exótica é a preferência dada às "geleiras" — em vez dos caloríferos... — quando lá e cá todos andamos a bater o queixo! O caso explica-se esclarecendo que as referidas máquinas produtoras do frio vão ser destinadas à conservação de certos produtos químicos e farmacêuticos, nomeadamente penicilina, e que o mercado francês carece de "geleiras" para tal efeito.

Eis como um «puro-sangue» contribui por modo bastante raro para auxiliar a indústria do país a que pertence. O desporto tem desempenhado vários papéis na vida de relação, mas jamais o soubemos valor cambial tão importante que se sobrepujasse um cavalo à severidade das leis.

E, no entanto, assim sucedeu.

R. B.

ATLETISMO

Os Jogos Olímpicos da América Central

Realizou-se este importante certame de atletismo, em Barranquilla (Colúmbia), terminando com a vitória de Cuba, que totalizou 95 pontos.

O negro Artur Wint, de Jamaica, distinguu-se, bem como Mc Kenley, outro atleta de cor, de fama internacional.

Wint ganhou os 400 metros planos em 48 segundos e, juntamente com Woodstock e Foster, aqueles dois bateram o recorde dos 4 x 400 metros, em 3 minutos e 18 segundos.

Jamaica ficou em 3.º lugar da classificação geral, com 67 pontos, atrás de Porto-Rico (87 pts.) e diante do México (85 pts.) e Trindade (49 pontos).

RUGBY

Inglaterra 3 - França 0

Foi um duelo tremendo entre o trio defensivo dos continentais, Puig, Joanblanc, Conès, Maso, Treccases, e os seis avançados ingleses. Até poucos minutos do apito final, os atacantes viram frustrados os seus intentos, mas, nesta ocasião, a defesa francesa sucumbiu, concedendo um ensaio realizado por Ward.

O campeonato da Liga

A classificação presente é a seguinte: Widnes (25 pts.), Warrington (22), Wigan (19), Deansbury (19), Bradford (19) pontos.

O nosso telefone é: — 45903

Temos falado bastante de futebol. Que os ingleses adorem, visto comparecerem, aos milhões, jornada a jornada, nos principais jogos do famoso Campeonato da Liga. Não há exagero. Se apontarmos o número de pessoas que ao sábado comparecem nos campos de Inglaterra, encontraremos números extraordinários — milhões! Em toda a Grã-Bretanha — assombroso!

Mas nem só o futebol. O pugilismo, por exemplo, apasiona os britânicos. No actual momento, então, discute-se com entusiasmo o facto de Vince Hawkins, campeão inglês dos médios, não desejar encontrar-se com Marcel Cerdan, campeão da Europa, mas não falta quem compreenda a atitude reflectida de Hawkins.

O campeão britânico não está ainda em forma. Reconhece que Marcel Cerdan, como provou contra Abrahams, é um pugilista de facto, campeão indiscutível, e não deseja expor-se, embora deixe de ganhar excelente bolsa. Isto demonstra que possui aquilo a que em Inglaterra se chama «nobreza desportiva», ao contrário do que poderá julgar-se em vários centros europeus.

Julga-se, entretanto, que Hawkins comparecerá, visto que se treina aturadamente. Os mais conhecedores duvidam, principalmente porque sabem ser Vince Hawkins um elemento ponderado. A discussão sobre o caso Hawkins-Cerdan revela-nos, pelo menos, que o pugilismo tem extraordinário número de admiradores na Grã-Bretanha.

Como o «rugby», as corridas de cavalos ou o remo. Estamos ansiosos por assistir a uma prova Oxford-Cambridge, tão celebrada

O sábado britânico

mesmo em dia de nevoeiro

fornece alegria a milhões de desportistas, que enchem todos os parques de jogos

LONDRES — Dezembro de 1946 (Especial para «Stadium», por FERNANDO MENDES)

pelos jornais de todo o Mundo.

Tudo somado, e ainda um dia entraremos nessa estatística, — poder-se-á saber-se quantos milhões de desportistas existem na Inglaterra? Funcionam às vezes todos os campos de futebol, de «rugby», de cricket, de ténis, de atletismo e os mais importantes velódromos. Tudo cheio! Londres, quando não há nevoeiro, mesmo quando há, torna-se febril ao sábado de tarde. Os sábados londrinos são maravilhosos, dinâmicos, saudáveis. Mesmo para quem não é desportista — coisa difícil de encontrar neste país onde se contribui largamente para a expansão física de cada um.

Voltemos ao futebol para falar da «ameaça» do Stoke e do Stan...

O Stoke City tem menos 2 pontos que o Liverpool e o mesmo número de jogos, na altura em que escrevemos. O Wolves leva-lhe 4 pontos de vantagem, mas tem 20 jogos efectuados, contra 19 dos

«segundos»: Liverpool e Stoke. Quer dizer: — se os companheiros de Matthews se empenharem mais um pouco, teremos ainda muito que falar. Tal como o Wolverhampton, que derrotou copiosamente o Bolton, por 5-0, o Stoke afirma-se de jogo para jogo, e cada vez mais à medida que o seu extremo direito se aproxima do verdadeiro... Matthews. O que aconteceu já contra o Brentford, no seu próprio campo.

Para falar de grupos nossos conhecidos, diremos também que o Charlton Athletic é o 16.º da classificação geral. O Arsenal, com alegria para os londrinos, que o

consideram particularmente, ganhou ao grupo que aí jogou com o Benfica, por 1-0, abandonando assim a cauda da classificação. O posto é agora ocupado pelo Huddersfield.

Mas talvez o próximo correio ainda chegue a tempo de transmitir alguma coisa de novo aos leitores...

Respondendo a nós próprios...

Falámos há dias sobre a rivalidade Lawton-Westcott e Matthews-Finney. Talvez não fique mal a resposta 8 dias depois. Os primeiros (Tommy Lawton e Matthews) demonstraram recentemente que ninguém será capaz de os igualar nos seus postos. Que não há rivalidade possível... O extremo direito «Stan» maravilhou a equipa do Brentford e os críticos; Lawton, a despeito do valor que Westcott revela, é sem dúvida «único». O Chelsea, que agora conta com o valoroso Steffen, é o primeiro grupo londrino na classificação e deve muito ao extraordinário Lawton...

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número...	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00



FRANCE

Ministère des Travaux Publics
et des Transports.

Commissariat Général au Tourisme

Direction Portugal:

Rua de S. Domingos à Lapa, 68
L I S B O A

Venham às maravilhosas estações francesas
de Desporto de Inverno

SPORTING À FRENTE COM O PORTO



Defesa Gulhar vai despachar a bola. Peyroteo nem seque-
urbar o trabalho do conhecido defesa portuense — pois está
bem protegido!



Barrigana, numa posição estranha, defende mais uma vez com
segurança! Um pouco ao longe, um sportinguista, certo da firmeza
do guardaredes, nem insiste...



No catr do encontro do Lumiar A, a dianteira leonina atacou com vigor e ímpeto! Aqui vemos a acção de Peyroteo, Verissimo e Tra-
vassos. A' sua volta, porém, há um verdadeiro anel de segurança, constituído por cinco unidades do Porto. Quer dizer, ao ataque
forte correspondeu defesa sólida!



Defesas que ocupam postos de defesa são obrigados a jogar bem
cabeca e a elevarem-se facilmente no espaço. É o caso deste



Barrigana, com muita atenção, segue o desenvolvimento de uma
jogada em frente das suas balizas!

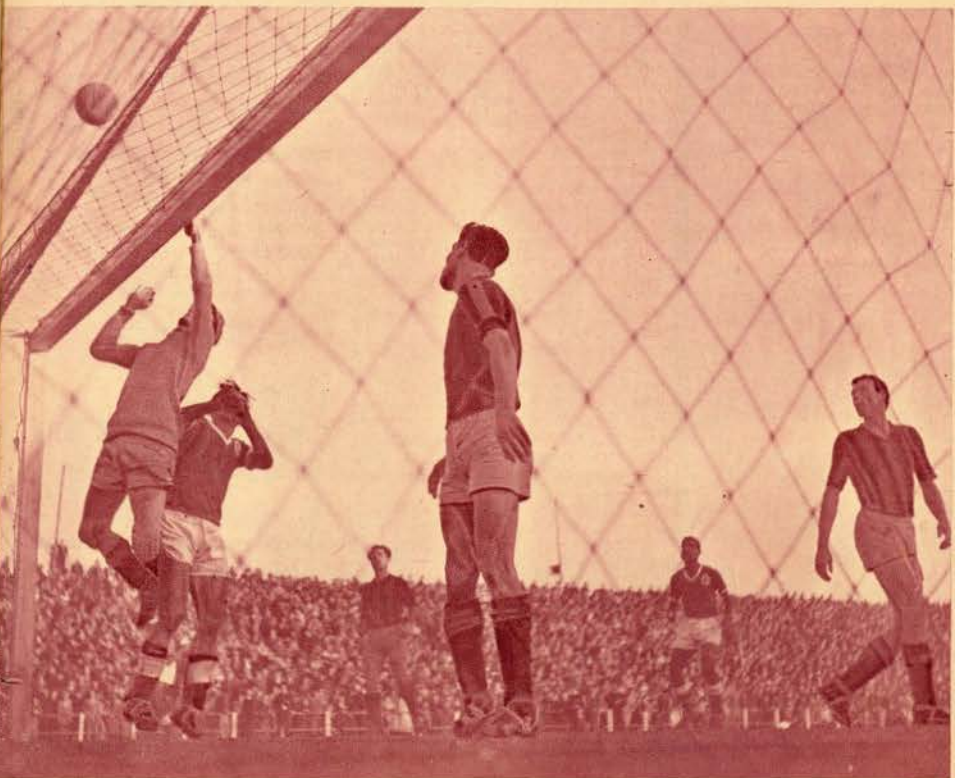


Espirito Santo, entre João dos Santos e Grazina, consegue fazer a jogada

Triunfo normal do BENFICA



Haptista, o fogueiro avançado-centro do Benfica, já com uma posição conquistada no team, intervém num ataque, de cabeça



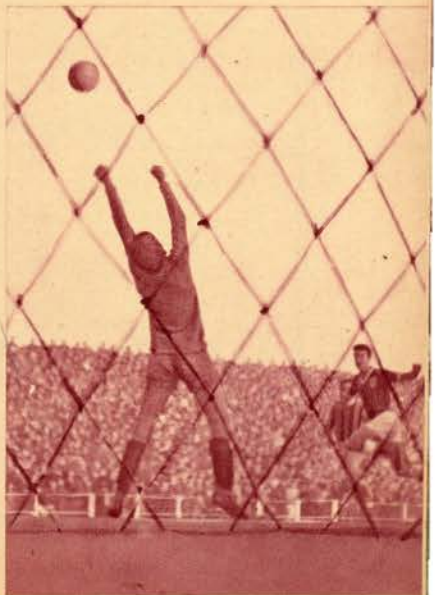
O remate partiu, de cabeça, mas a bola veio a cair em cima das redes. Talvez que Abrão lhe tivesse tocado!



O guarda-redes Abrado lança-se a uma bola alta. Os tiros obrigam a semelhantes esforços!



Uma posição de Martins, bem recordada, ao executar uma defesa por alto



Abrado ergue os braços, como uma prece ao céu — para a bola não se lhe escapasse!

Comentários

Asfixia

A gravidade do problema tributário das organizações desportivas constitui sem dúvida a mais premente ameaça que paira de momento sobre a existência activa da maioria, para não dizer a totalidade das modalidades praticadas em Portugal.

Podemos afirmar que o assunto não tem sido descuido pelos organismos superiores, parecendo assegurada para brevemente uma solução satisfatória, que corresponderá de facto às necessidades e direitos do desporto português e, também, ao demonstrado interesse do Estado pela organização e desenvolvimento do desporto no País.

No entanto, até que chegue a hora redentora, a situação torna-se insustentável, asfixiante sob certos aspectos. Alguns organismos dirigentes encontram-se na iminência de serem obrigados a cessar a sua actividade, entregando nas mãos do sr. Director Geral dos Desportos o mandato que receberam dos clubes seus filiados.

A interpretação dada, desde há menos de um ano, à lei que rege as contribuições dos espectáculos públicos, é, dentro do texto da própria lei, discutível, pois no artigo 3.º do decreto n.º 14.396 se encontra doutrina que pode ser aplicada com absoluta propriedade aos espectáculos desportivos em campos cuja lotação é incontestavelmente variável, conforme os dias, e, sobretudo, conforme a espécie de espectáculo. Regressar-se-ia, dentro das normas estabelecidas no artigo acima citado, ao regime anterior e que, muito logicamente, tributava as receitas reais, julgando-as pela média, em vez de obrigar, como agora sucede, ao pagamento de imposto sobre o valor hipotético de milhares e milhares de lugares vagos.

Profetas na sua terra...

Em recente despacho do sr. Director Geral dos Desportos foram oficialmente desagravados dos violentos ataques que sofreram por parte de alguns jornalistas, depois do match de Barcelona, os dirigentes da Federação Portuguesa de Atletismo.

O pormenorizado relatório apresentado pelo Inspector da modalidade, o nosso camarada dr. Salazar Carreira, permitiu ao sr. coronel Sacramento Monteiro pronunciar-se com justiça.

Para esses técnicos nacionais (não esqueçamos que para os efeitos procurados até o ciclista João Rebelo foi arvorado em competente em assuntos de atletismo), os nossos dirigentes haviam falhado na sua missão de assistência e orientação; chegou agora ao nosso conhecimento uma opinião sobre os mesmos, emitida por um técnico espanhol, e parece interessante transcrever-la.

É seu autor Di go Ordoñez, que foi em 1925 campeão ibérico dos 100 metros e que se exprime assim: «Muito boa a direcção da equipa por banda dos portugueses. Inexistente por parte dos espanhóis. Os nossos atletas, no terreno, não tinham ninguém a guiar a sua acção, que lhes desse a tempo as indicações precisas para corrigir erros, acalmar nervosismo e impaciências ou rectificar referências sobre a direcção e velocidade do vento».

Por aqui se vê que ninguém é profeta na sua terra.

Do mesmo juízo crítico, firmado por Ordoñez, extraímos os seguintes períodos, por particularmente interessantes: «Surpreendeu-nos a todos e chegou, por momentos, a abalar a nossa confiança, o optimismo português».

«Depois, os resultados impuseram a sua realidade e para muitos espanhóis aquele optimismo foi motivo de ironias. Contudo, devemos proclamar bem alto que as felizes esperanças dos atletas e técnicos portugueses tinham base real e sólida, não assentavam sobre fantasias. E' forçoso reconhecer a excelente preparação da equipa, seu magnífico moral e afinação e a superioridade técnica de quase todos os seus elementos em relação aos adversários espanhóis. Apenas Torres, Pelinto, Lara, Pons, Rojo e Miranda podem assinalar-se como excepções a nosso favor, nesse aspecto».

«Alguém disse, ao iniciar-se o encontro, que, para a vitória de Portugal, leriam os seus homens que bater uma dúzia de recordes lusitanos. Bem. Era verdade. E bateram alguns, poderiam ter batido mais e sucumbiram unicamente porque a classe espanhola é todavia superior e porque pesaram sobre eles todos os inconvenientes da deslocção. O atletismo português está, porém, no auge e iniciou progresso que pode ser muito rápido porque não lhe faltam apoios nem direcção técnica e porque se baseia em trabalho de conjunto, no qual se integram todos os elementos necessários para alcançar o êxito, enquanto que até agora, em Espanha, quase tudo depende do esforço pessoal de uma dúzia de atletas inteligentes e com amor ao seu desporto».

Vinte e cinco anos

COMPLETOU na quarta-feira passada os seus vinte e cinco anos de existência o nosso futebol internacional; foi, com efeito, no dia 18 de Dezembro de 1921 que pela primeira vez se apresentou, em Madrid, contra a da Espanha, uma equipa nacional portuguesa.

Muito caminho andado, desde então; horas de incerteza, horas de amarga desilusão e, felizmente, também horas de júbilo e triunfo.

Tudo mudou, durante estes vinte e cinco anos, desde a mentalidade ao estilo, desde o ambiente popular à atmosfera dirigente e orientadora.

Os estreantes de 1921 vêem hoje, nos seus sucessores, os representantes de uma escola com responsabilidades crescentes, animados pela justa ambição de marcar posição de realce na tabela de valores do futebol europeu.

Caminhamos para uma temporada internacional de extraordinária actividade, dentro e fora do país, que vai servir naturalmente para marcar o ponto, para estabelecermos a realidade da posição onde nos encontramos.

E' necessário acutarmos ao máximo as possibilidades da nossa representação, quer evitando ilusões perigosas, quer libertando a realidade dos factos das correntes da tradição ou dos direitos adquiridos.

Os jogos ganham-se com a acção dos jogadores em campo, com a sua forma de momento; mas nem com a sua fama, nem com o reflexo do que foram. Verdade que todos devem compreender e aceitar, para que os responsáveis pela composição dos grupos representativos possam agir com absoluta independência e autoridade apoiada pela opinião pública.

Nunca se conseguirá obter o óptimo negando a evidência; os atletas de melhor classe desempenham mais ou menos satisfatoriamente a sua missão conforme o estado de forma ocasional. Ninguém lhes contestará a classe, mas não se consegue dar-lhes a forma apregoando méritos que ocasionalmente mostram estar ausentes.

Após 25 anos de competição, com períodos áureos e crises desanimadoras, o nosso futebol internacional parece ter atingido uma fase de equilíbrio que corresponde a um valor real de conjunto, e não ao apogeu transitório de umas tantas individualidades.

Ganhámos prestígio e temos, nos últimos lançamentos na lista do activo, uma sequência interessante de resultados.

Maior responsabilidade criada, maiores cautelas a empregar. Cautelas, e decisão.

Não esqueçamos que a Rocha Tarpeia ficava ao lado do Capitólio...

S. C.



TAL COMO A LÂMINA PERSONNA



NO MOMENTO DE SE BARBEAR

Porque de facto PERSONNA far-lhe-á uma barba com o esmero de um grande barbeiro. Num instante! Por ser feita com grande precisão e dotada de fio côncavo e flexível, afiada a óleo, assentada no couro e à prova de oxidação... Para maior duração... e grata surpresa dos que a usam.

Distribuidores:
José Antunes d'Oliveira, Herd.
Rua dos Fanqueiros, 346-1.º
Lisboa



Laminas de Precisão

Stadium
Telefone 45903

Stadium

O «Torneio do Natal»

bela iniciativa do Algés e Dafundo



Três nadadoras formadas nas escolas do Algés e que revelam qualidades: Otília da Conceição Raposo, Fernanda da Silveira Cunha e Regina Pereira Dinis Mendes

DEPOIS de uma temporada de Verão indiscutivelmente brilhante, durante a qual a secção de natação do Sport Algés e Dafundo desenvolveu proficaz e regular actividade, demonstrando por diversas vezes e em diferentes emergências a iniludível utilidade dos seus métodos de ensino, a proficiência do esforço desenvolvido pelos seus professores e, muito em especial, do seu treinador Hermanno Patrão, o grande baluarte da natação portuguesa não quis — e muito bem — que o ano de 1946 expirasse sem que um acontecimento ficasse mais a caracterizá-lo, ou, melhor dizendo, — a valorizá-lo.

E assim nasceu este «Torneio do Natal», iniciativa a todos os títulos louvável, absolutamente de harmonia com a tese, tantas vezes adogada nestas colunas: a de manter em actividade os nadadores durante a temporada invernal.

Nama altura em que a natação portuguesa se oferece boas perspectivas — pelo menos no que toca a projectos... — a iniciativa do Sport Algés e Dafundo, com seu sabor de ineditismo, reveste-se, assim, de flagrante oportunidade e pode ainda ter o condão de mostrar que, de facto, a melhor maneira de se ser útil a uma modalidade é realizar, na prática, aquilo de que ela realmente necessita.

São precisas piscinas — verdade incontestável! Mas há, sem dúvida, que não perder tempo, aproveitando o melhor possível as existentes.

Na primeira das três jornadas que constituem o Torneio, a alliança de nadadores foi francamente animadora, registando-se a agradável presença de boa parcela de «gente nova» — nomes que despontam, como é óbvio, plenos de esperanças e de ilusões...

Talvez não andemos longe da verdade afirmando que as corridas foram disputadas em anda-

mento moderado. Não houve, portanto, e o caso é absolutamente compreensível, o propósito de forçar o ritmo. Houve, sim, a intenção, que muito nos agrada pôr em relevo, de que os nadadores contactassem com o elemento líquido. Não se registaram, pois, «tempos» íamosos.

Aos elementos das categorias inferiores coabou a melhor parcela de entusiasmo e animação. Fernando Madeira, Eduardo Marta Barbeiro, Fernando Carmo dos Santos, Joaquim Ramos Mendes, Jaime Ferreira Moniz são nomes a fixar nesta primeira ronda.

Earico Rocha Surgey tem já a referência especial, pela marca obtida nos 400 metros-costas — 6 m. 44 s.

Guilherme Patrão esteve em evidência, como é natural, entre os principiantes, trianlando absolutamente à vontade nos 400 metros-livres, num «tempo» regular — 5 m. 41 s.

Entre os consagrados, Pereira Bastos e Oscar Cabral trianlaram, respectivamente, nos 100 metros-costas e 200 metros-livres, sem margem para comentários. A preparação vai ainda no começo...

A segunda jornada

Se a primeira ronda do Torneio correspondeu, em absoluto, à expectativa, a segunda nada lhe ficou a dever, superando-a até em alguns aspectos. E talvez se possa sintetizar assim: bom ambiente, regular assistência e entusiasmo evidente entre os nadadores do Sport Algés e Dafundo, mormente entre os da camada jovem — esperanças de hoje, ases de amanhã.

Evidentemente — e nem essa é a finalidade do Torneio — não se registaram marcas de relevo. Nem tão pouco há em vista obtê-los.

A secção de natação do S. A. D. teve em mente movimentar os seus atletas. E é sob este prisma, também, que a crítica deve apreciar as provas, convidando desde já a afirmar que tal objectivo foi francamente alcançado.

Os «iniciados» deram-nos, de certo modo, a nota mais interessante da jornada. Pelo seu entusiasmo, desportivismo e vontade de progredir.

Eduardo Marta Barbeiro — que na primeira ronda já se havia distinguido nos 200 metros-costas — voltou a brilhar, desta vez nos 100 metros, que percorreu em 1 m. 29 s. — marca que merece registo. É um elemento dotado de inegáveis facilidades, que uma preparação cuidada pode conduzir a um lugar de relevo dentro da modalidade. E o mesmo diremos de Jaime Ferreira Moniz, cuja prova de 100



O grupo de concorrentes à segunda jornada do «Torneio do Natal» organizado pelo Sport Algés e Dafundo

metros-livres (1 m. 14,2 s.) nos agradou em absoluto, já pelo «tempo» já pelo «estilo».

Earico Rocha Surgey — outro «iniciado» que se afirma dia a dia. Surgey, que na primeira jornada se creditara num magnífico «tempo» nos 400 metros-costas (6 m. 44 s. 5/10), de novo esteve em evidência na sua especialidade. E percorrendo os 200 metros em 3 m. 15 s., não só realizou inegáveis possibilidades, como atestou quão útil tem sido a preparação a que tem estado submetido, após a temporada de Verão, e cujos frutos virão a aparecer mais tarde — na altura oportuna. E com uma referência a António Carmo Leitão, a Fernando Madeira — este com uns animadores 400 metros-livres — e a João Dias Faria Bichinho, teremos citado, como é de inteira justiça, esse promissor núcleo de «iniciados» do Algés e Dafundo — a melhor garantia do seu futuro.

Guilherme José Patrão — um «internacional» — vem, como é natural, à cabeça dos «princi-

piantes», com uns 200 metros-livres, ganhos à vontade, em 2 m. 34,4 s.; Eduardo Cordeiro impressionou bem nos 400 metros-costas e Carlos Miguel Amaro foi o «homem dos braços», ainda que nam «tempo» íamoso.

Os juniores e os seniores, cuja «forma» está, como é lógico, longe do seu melhor, correram sem se empregar. Pereira Bastos na prova de «costas», Artur Machado em «estilo-livres» e Adriano Cabral Rodrigues em «braços» trianlaram facilmente, ainda que com marcas que, de modo algum, traduzem as suas reais possibilidades.

E, para fechar, uma referência ao friso gentil das nadadoras — que deram a nota alegre da jornada. Otília Raposo, Fernanda Cunha, Regina Mendes e Maria Luisa Malheiro — com todas as suas prometedoras faculdades.

Amanhã teremos a terceira e última velada. O Algés mantém, assim, o fogo sagrado e a continuação de uma obra que não cansa...

Abreu Torres

A Selecção Nacional de Futebol treina hoje

Depois do Lisboa-Paris, que forneceu, indiscutivelmente, indicações preciosas acerca da constituição do onze nacional, este treina hoje, à tarde, no Estádio Nacional, contra o Grupo Desportivo da Cuf.

Foram convocados os seguintes jogadores:

Guarda-redes — Azevedo e Capela.

Defesas — Cardoso, Vasco e Feliciano.

Médios — Amaro, Moreira, Facheiro, Francisco Ferreira e Serafim.

Avançados — Jesus Correia, Araújo, Peyroteo, Travassos, Benites, Rogério e Albano.

Os jogadores recolhem a um hotel de Lisboa na próxima semana, apresentando-se contra a Suíça no domingo, 5 de Janeiro. O onze do país deverá sofrer transformações em relação aos últimos alinhamentos.



Na última corrida que tourearam juntos, em Murcia, José continuava sendo o dominador, até no gesto, ao passo que Juan mantinha a atitude de segundo, modesto até por inteligência. Entre Entre ambos, dentro da barreira, está José Maria Calderón, que foi peão de Antonio Montes e profeta de Juan Belmonte. «Ñño, si tienes valor de torear parado y solo con los brazos, como hacia verás que es más fácil y más lucido». Juan teve esse valor, e achatou o ovo. José, navegou pela boa escola tradicional dos grandes mestres e estudou-a, profundando-a e sem necessidade da anedota do ovo de Colombo.

JOSÉ e JUAN

“Salvo nos seus começos, em que foi bem recebido, „Joselito” lutou com uma barreira negativa, nascida das lutas de seu irmão Rafael com “Bombita”. Então a paixão de José pelos touros teve o acicate da luta, da vingança. Os partidários de um toureiro raro vez concedem a outro qualquer mérito. O despeito dos “Bombistas” era muito humano, porque Ricardo prodigalisou sempre toda a sua arte e valentia. Desde então, adormecida a luta de Ricardo e Rafael, José aguentou sobre si todo o ódio...”

Encontrámos este trecho na antiga revista espanhola “Estampa” e recordámos que foi assim realmente e que, senão entre Ricardo e Rafael, houve luta entre os seus partidários, e que as consequências recaíram sobre José que não as engeitou e até as aumentou com o desejo de se vingar do toureiro que fora rival de seu irmão, isto é, que haviam colocado frente a seu irmão. E assim faz José com que “Bombita” se retire, e com ele “Machaco”, ficando só, até à aparição de Juan Belmonte. Mas continuamos com a leitura de “Estampa”:

“José foi o toureiro que conquistou as maiores antipatias e, sem dúvida, o mais sinceramente odiado. A soberba do seu valor punha uma barreira entre ele e os outros. Pois bem, apesar de

isto e disto fazendo gala, manteve até morrer a sua galhardia, sem que fosse possível a alguém abatê-la.

Assim foi, José superou todos, e teria superado. A outros que aparecessem, como começou por superar todos os “ñiños sevillanos” que com ele vieram a Lisboa quando o conhecemos, brincando sempre aos touros quando aqueles garotos da sua idade brincavam aos automóveis.

“Limeño” e “Pacorro” e “Manfredi” costumavam então vir para a porta da Garage Auto-Lisboa, na Avenida da Liberdade, na qual o autor dos nossos dias foi sócio e onde nos colocou quando saímos do liceu. Os automóveis eram então uma novidade, e a garage atraía os, e pediam-nos que lhes dessemos catálogos e distintivos “Michelin”.

José mostrou-se sempre alheio a tais curiosidades, e conservava-se afastado, com “Parrita” e ouvindo-o falar de touros.

Só nos concedeu beligerância quando lhe dissemos que também gostávamos de touros e que o havíamos admirado em Algés numa bezerrada do Clube Tauromáquico.

A nossa admiração por José manteve-se sempre, ao rubro naqueles anos da guarnição de Belmonte, e sempre, até que em Lisboa nos despedimos dele, à partida para Lima, em 1919, até à sua morte, em 1920, até hoje. Por assim ser, tivemos de pôr reparos na notícia da aparição de mais um magnífico livro do nosso fraternal colega sevillano Enrique Vila, que em Madrid nos levou à casa editorial para nos oferecer o exemplar numerado com o n.º 2, reservando para ele o n.º 1.

“Juan Belmonte” se chama o novo livro do autor de “Miuras” e de “Lagartijo”, e dele diz Enrique Vila na apresentação:

“Um volume cheio de paixão partidária e até, se quizerem, de injustiças de expressão, com toda a intransigência dum “Belmontismo” que foi — como o “Frasculismo” de Peña ou o “Josehismo” de Cossío — feroz nas discussões de 1915 a 1919; repousado e reflexivo na facilidade da glória sem contrastes de 1924-25-26; angustioso e esfaltante na terceira saída de Juan”.

Quando o autor assim apresenta o seu livro, não poderá extranhar que ante ele — sem perda de reconhecimento do valor da obra, que todos os aficionados devem ler — coloquemos também a nossa paixão partidária, intransigente.

Mas, para não cometermos também injustiças de expressão, vamos servir-nos das palavras do autor de “Juan Belmonte” para reconhecimento do José.

Assim descreve Vila: “Não vamos negar que “Joselito” é, talvez, o toureiro mais “largo” de quantos até à data existiram”. E, ainda: Eu, que dentro da minha modéstia devo contar-me como o mais intransigente dos “Belmontistas” reconheço plenamente que “Joselito” era mais “largo” que Belmonte. “Joselito” foi um toureiro completo, e Belmonte não”.

Claro que Vila põe reparos, e tantos, a estas declarações — cuja transcrição têm o valor de todas as transcrições isoladas — e assim escreve também:

“Não foi Belmonte um toureiro curto. Nas suas primeiras temporadas de matador acusou, talvez, monotonia na execução das sortes, bastante desculpável por quanto a nova concepção artística se achava em pleno desenvolvimento. Essa monotonia dissimulava-a Juan com um ar de tragédia que foi cedendo lugar à naturalidade à medida que se aperfeiçoava”.

Realmente, os primeiros êxitos de Juan, com toda a sua novidade, impressionavam pelo ar de tragédia, como durante muito tempo impressionaram pelo insignificante aspecto físico daquele que “Guerrita” disse que parecia “um pato andando”. Por isso os êxitos de Juan impressionavam mais que os de José, que os prodigalisava com a superioridade física e todo o poder das suas incomparáveis qualidades e possibilidades de toureiro.

Os êxitos de José não causavam estranheza porque todos, até os que o negavam, reconheciam as suas enormes possibilidades. Os de Juan surpreendiam por parecerem impossíveis em tão fraca figura. Enfim, porque não negamos a grande significação de Juan, amigo compreensivo para os “Gallistas”, aconselhamos a leitura do livro de Enrique Vila, que vem provar até que a paixão e a discussão não acabaram nem com a morte de José, o toureiro que ainda não teve quem escrevesse o seu livro, pois como tal não se podem classificar os de “Parrita”, de “El Caballero Audaz”, etc. Mas, José já morreu, para muitos que não para os fieis, como nós.

EL TERRIBLE PÉREZ

OS NOSSOS GRANDES CAVALEIROS INTERNACIONAIS

II — LUÍS IVENS FERRAZ

ENTRE os cavaleiros portugueses que mais fortemente contribuíram para os êxitos incontestáveis do hipismo nacional, o tenente-coronel Ivens Ferraz ocupa um lugar de extraordinário relevo, merecido da sua actuação no estrangeiro quando fez parte das inúmeras equipas que em representação nacional tomaram parte nos Concursos disputados em Madrid, Nice, Roma

S. Sebastian, e até nos Jogos Olímpicos de 1928, que tiveram lugar em Amesterdão.

Cavaleiro internacional desde 1924 até 1933, o distinto concursista conseguia um somatório de vitórias que testemunham, sem dúvida, os seus conhecimentos, a sua intuição e a magnífica forma em que tinha os seus cavalos, principalmente os seus famosos «Roassi» e «Marco Visconti», com os quais obteve valorosíssimos triunfos.

Foi com esta última montada — am p. s. i. nascido em Itália — que tomou parte na IX Olimpíada, contribuindo para a brilhante posição que foi conquistada pela equipa de Portugal.

Luís Ivens Ferraz foi até hoje o cavaleiro português que obteve maior número de primeiros prémios, mais de uma centena, dezasseis dos quais

foram conquistados além fronteiras.

Entre estes devem mencionar-se como mais importantes o «Prix des Fêtes et des Sports», «Société des Courses» e «Prix de Monte Carlo», todos no «Roassi», em Nice, no ano de 1926; «Taça Alonso XIII», no «Marco Visconti», (Madrid 1928); «Grande Prémio de Madrid» em 1930, também no «Marco Visconti», e ainda «Prix Gentier» e «Prix Arenas», de Nice, em 1931, montando o mesmo cavalo.

Contribuiu ainda com êxito para as vitórias das equipas portuguesas na «Taça das Nações» (Madrid 1929 e 1932) e «Taça de Ouro da Península» (1925, 1928 e 1933) todas na capital espanhola.

No seu valoroso «palmarés» figuram nada menos de 16 «Grandes Prémios», entre os quais se contam, além do de Madrid, o que já fizemos referência, os de Lisboa (1926, 1927 e 1930); do Porto (1928) e da Figueira da Foz (1924, 1926, 1928 e 1933).

O ano mais brilhante de Luís Ivens Ferraz foi sem dúvida o de 1930, no qual apresentou os seus três melhores cavalos em grande forma, obtendo vinte vitórias.

Além do «Roassi» e do «Marco Visconti», com os quais obteve na sua carreira de concursista setenta e sete triunfos, respectivamente 47 com o primeiro e 30 com o segundo, montou ainda «Lafontaine», «Basquaise», «Armamar», «Pinoca», «Lidador», «Beauleite» e «Alerta», ganhando provas com todos eles.

Obteve o seu primeiro triunfo em Elvas em 1920 e o último nas Caldas em 1936 e, por coincidência, ambos na prova «Despedida» dos respectivos concursos.

Uma vez abandonada a sua actividade como concursista, o tenente-coronel Ivens Ferraz não abandonou o hipismo, continuando a dedicar-se-lhe com o mesmo entusiasmo, agora como orientador. Foi nomeado em 1944 delegado do Ministério da Guerra e seleccionador das equipas militares representativas do país, cargo que exerceu também em 1945 e 1946.

Ultimamente partiu para França, a fim de adquirir naquele país grande número de cavalos anglo-árabes, a empregar de futuro como montadas de desporto, esperando-se assim que o hipismo português atinja uma carreira ainda mais famosa.

Luís Ivens Ferraz continua portanto em actividade ao serviço de um desporto no qual brilhou a grande altura, criando uma posição na qual se notabilizou, quer no país quer no estrangeiro.

O seu nome está intimamente ligado à história do Hipismo em Portugal.

Antas Teixeira



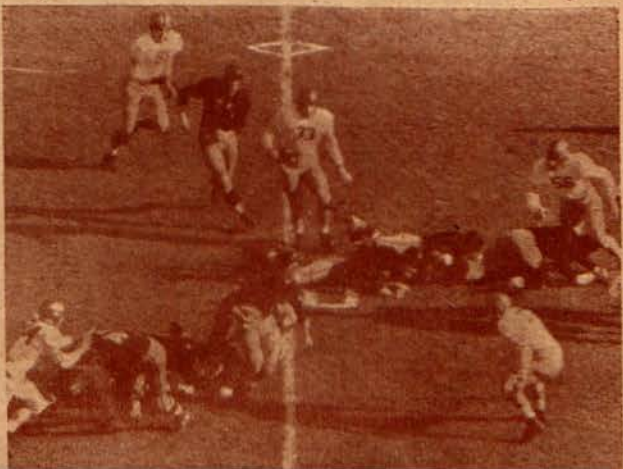
O último aperto dos botins inspira a confiança do sorriso de Miss Gretchen von Merriel, uma inglesa de Boston que fará parte da equipa do seu país ao campeonato mundial de patinação sobre gelo, que se disputará em Estocolmo no próximo mês de Fevereiro.

IMAGENS do estrangeiro

As competições do futebol americano são seguidas com o mais vivo interesse! Há partidos de um e de outro lado, e o entusiasmo é indiscutível.

Ultimamente realizou-se um encontro em Filadélfia, entre as equipas do Exército e da Marinha. Damos uma fase em que a Armada domina.

O Estádio estava completamente cheio, e o Presidente Truman assistiu, incitando metade do tempo a Marinha e a outra metade o Exército.



Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar custa 2\$50

Stadium



Esta a equipa do Grupo Desportivo Assumense, de Assumar: — Aleixo, Belo, Armendo, Fernando Mendes e Grilo 1.º; no 2.º plano — José Velez, Nuno Correia, Zerra, Grilo 2.º, Cosme e Sabino



A equipa de honra do Clube Atlético de Pero Pinheiro, arredores de Sintra, onde há entusiasmo por todas as modalidades desportivas

Stadium na província



A equipa do Juventude Transmontana de Futebol, grupo de boas possibilidades, treinado por Oscar Gomes Barros, antigo e valioso jogador do Sport de Vila Real—cidade a que pertence o Juventude

O grupo de Juventude Unionista, de Sesimbra, acompanhado pelo seu orientador técnico



O futebol minhoto, ou, melhor dizendo, os adeptos do popular jogo da bola, tanto de Braga, como de Viana do Castelo, de Barcelos ou de Fafe, como ainda mesmo da histórica cidade-berço de Afonso Henriques, — parecem alvorçados...

Uma decisão da F. P. de Futebol não consente que naqueles terras se joga futebol quando para Guimarães ou Famalicão estiverem marcados jogos oficiais. Por via disso, alguns desejos particulares foram impedidos, com manifesto prejuízo dos adeptos e clubes — sem grande benefício dos vimeirenses ou famalicenses, que jogaram encontros da 1.ª Divisão.

Como protesto, em meios relativamente pequenos expandido sempre com entusiasmo nos cafés ou lugares públicos, foi «resolvido» que nenhum desportista local procurasse ver os jogos Vitória-Benfica e Famalicão-S. L. Elvas. Parece que assim aconteceu. E para Lisboa se dirigiram algumas figuras representativas, dispostas a discutir o incidente com as entidades orientadoras do futebol nacional...

Vendo agora estes casos do lugar da Imprensa e de uma Revista como a nossa, parece-nos justo pedir que as coisas se resolvam cuidadosamente e sem os atritos que há semanas tiveram os seus reflexos em todos os centros desportivos do Minho. Compreendemos muitíssimo bem a atitude federativa, que pretendia defender as finanças dos clubes de Guimarães e Famalicão. Mas — por via disso, será justo prejudicar o futebol de Braga, Viana, Barcelos, Fafe e outros lugares onde o jogo da bola tem adeptos? Em Arcos de Valdevez também se verifica grande entusiasmo pelo jogo, dada a actividade de Rul de Araújo como treinador.

O caso merece a melhor ponderação. Nem outra coisa desejamos nós. Sabe-se que as cidades do Lima e dos Arcebispos, por exemplo, muito se esforçam na propaganda dos desportos. Se lhes for oposta uma decisão contraditória, as coisas podem não caminhar inteiramente bem.

Valerá a pena, em boa verdade, contribuir para tal desacerto? Não pode a Federação ordenar as coisas no sentido de perturbar o menos possível o ambiente na área da A. F. Braga? Em nosso modesto parecer, Guimarães, Famalicão, Viana do Castelo e a capital do Minho podem bastar-se a si próprios. O seu público, se entender que deve assistir a jogos marcados para outros centros — não deixará de se deslocar. Como é capaz de fazer o contrário, tenha ou não desejos dentro de casa...

Logo o problema não se resolve com a proibição, que, além de tudo, serve para indispor desnecessariamente os desportistas de laboriosas terras, sem qualquer proveito para os clubes pretensamente beneficiados: — Guimarães e Famalicão.

Que tudo se resolve pelo melhor, são os nossos ardentes desejos.

A equipa do Académico Futebol Clube, de Lemego, filial do Académico, do Porto



FAMALICÃO vence em SETUBAL



Um avançado de Setúbal ataca com oportunidade o guardarede adversário, mas este não larga a bola...



O guardarede Baptista, do Vitória, em acção, no campo dos Arcos. Por vezes os de Famalicão atacaram com vivacidade...



Sansão desempenhou um papel de relevo no campo dos Arcos. Eis como defende!



Um defesa de Famalicão alivia, de cabeça, o seu campo

BOAVISTA derrota SANJOANENSE



Mota guardarede do Sanjoanense, defende as suas redes, em jogada em que também colaborou um dos deuses



O Boavista, na segunda parte, exerceu domínio e desenvolveu bem os ataques. O guardarede de S. João da Madeira trabalhou muito



Em frente das redes de S. João da Madeira, Serafim (Boavista) tenta o «goal»... Mas o guardarede defende!

MOSAICOS

nortenhos...

ELEIÇÕES

Mudança de campo...

COMENTA-SE ainda, o mais desegregavelmente possível, a última exibição do grupo de honra do F. C. do Porto contra o Oriental. Independentemente do bom trabalho do conjunto lisboeta, o Oriental impressionou e recebeu justificados aplausos. Pode mesmo dizer-se que deixou boas simpatias entre os portuenses.

✦ PORQUE não se disputou, afinal, o campeonato máximo de ciclismo, em princípio marcado para Lisboa e depois para o Estádio do Lima?

Os portuenses estavam dispostos a bater-se, a despeito de a um dos seus ciclistas (Fernando Moreira) pertencer o título máximo em velocidade e «Junho».

✦ A PROPOSITO de ciclismo: — O Desportivo das Aves pretende reorganizar as suas equipas. Dizem-nos que convidou Império Santos e Manuel Cardoso a representá-lo na próxima época.

Entretanto, alguns ciclistas tomaram já contacto com as suas máquinas, a fim de atacarem as próximas provas de curta-mato. Vemos a isso!

✦ COMEÇOU o andebol oficial. Até que enfim! Voltemos a ver boas equipas, como o F. C. do Porto, Vigorosa, Salgueiros, Académico, Vilanovense e outros, depois de um conflito que lá sendo grave. Deixou ainda sérias consequências, é certo. Mas sempre foram atenuadas com a intervenção decidida de quem de direito.

✦ SOBRE atletismo... Apenas o F. C. do Porto e o Operário se dedicam já, com a melhor vontade, ao *corta-mato*. É muito pouco. O Académico, por exemplo, costuma ser dos primeiros a dar passos no sentido de preparar as suas equipas. Não se interessará agora pelo *corta-mato*? E o Vilanovense? E o Salgueiros?

✦ ACTIVA-SE a campanha pró-campo de basquetebol. Já aqui a principalidade há meses, nesta mesma secção de «Stadium», mas não surpreende se outros aparecerem envolvidos com essa honra... Tornou-se tão banal a «solução», que já nada nos faz sorrir em presença de casos semelhantes.

✦ VALIOSO troféu, em prata, com o peso de alguns quilos, será atribuído pela «Agência Moreira», de que faz parte o bem conhecido desportista José Moreira, ao clube nortenho mais bem classificado no Campeonato Nacional de 1.ª Divisão. Assim, de Colmbra para cima, procurar-se-á conquistar a valiosa Taça, onde foram colocados os

PREPARAM-SE eleições em várias colectividades. Por via delas, anuncia-se a retirada de Alberto Brito e de Orlando Sousa da A. F. P. do Porto, e este facto tem produzido certo movimento de curiosidade, propondo-se muitos desportistas a solicitar de novo a permanência dos conhecidos dirigentes na entidade máxima do futebol portuense.

Julga-se, entretanto, que tal não será de conseguir. Anuncia-se, mesmo, que Alberto Brito aceitará a presidência do F. C. do Porto, organismo que representou na A. F. P., e isto significa também a possível retirada do dr. Cesário Bonito, que há épocas ocupa esse cargo no primeiro clube nortenho. Seria natural, embora os associados do popular F. C. P. tenham a melhor simpatia pelo seu actual presidente. Mas será assim?

Diz-se ainda que é proposto o dr. Carlos Costa, vereador da Câmara Municipal e antigo director (presidente) do F. C. do Porto. Esta indicação levar-nos-ia a supor que os associados do primeiro clube mudaram de «orientação», isto é, se transferiram para outro «campo». O que talvez não convenha, posto o problema do Estádio no pé em que se encontra pela actual gerência, incansável em trabalhar para a sua construção. É mesmo de supor que, se os dirigentes actuais

apresentarem a sua candidatura, vençam a luta com maior ou menor discussão.

O abandono de Alberto Brito do seu posto da A. F. P. é que merece os lamentos da maioria das pessoas interessadas na constituição de boas e imparciais gerências. Conhecido o seu propósito de se retirar, já se preparam listas e nomes, e não nos surpreendem estas duas coisas: — que o dr. Cesário Bonito passe para a A. F. P. e Alberto Rio para o F. C. do Porto. Ou ainda, a não se dar este caso, que o campeão do Norte fique sem a representação que lhe tem sido justamente atribuída.

Qual o motivo? — perguntar-se-á. É fácil encontrá-lo. Há poucas épocas procurou-se conduzir a A. F. P. do Porto para determinada solução. Tratava-se de eleições federativas. O Porto manteve-se orgulhosamente no seu lugar. E bateu-se. Agora, as coisas podem transferir-se, tanto mais que ainda há pouco se efectuou aqui uma homenagem significativa...

Os campeões da decisão que há uma ou duas épocas colocou a A. F. P. na vanguarda da campanha continuam por certo no seu posto, e daí uma reviravolta que deverá ser surpreendente. Caso interessante: tanto se pode dar o caso na A. F. P. do Porto como no F. C. do Porto. A tal mudança de «campo»...

distintos do F. C. do Porto, Boavista F. C., Associação Académica de Colmbra, Associação Desportiva Sanjoanense, Futebol Clube de Fátima e Vitória Sport Clube, de Guimarães. Só estas colectividades «nortenhos» poderão habilitar-se.

Parabéns a José Moreira e à sua «Agência», das mais populares do Porto. A sua iniciativa vai ser por certo aplaudida e considerada.

✦ CONSTA no Porto que se exibirá no Estádio do Lima, contra o campeão regional, a equipa do campeão da Argentina, após a sua digressão por Espanha.

Oxalá. Os portuenses bem precisavam de «ver» alguma coisa de bom...

✦ OUTRA campanha: — a favor de jogos «internacionais» no Porto. Se os leitores bem se recordam, já nestas colunas, e por mais de uma vez, lembrámos esse acto de justiça.

Infelizmente, e, que nos conste, nada se conseguiu até hoje. Mas fazemos sinceros votos pelo êxito da campanha do popular «Jornal de Notícias», que ultimamente lhe tem dedicado especial atenção. Continuaremos agarrados a essa esperança, evidentemente, mas não acreditamos na falência... De mais e mais, agora que os suecos deram por nula a sua viagem a Portugal.

✦ O ACADÉMICO castigou um jogador. E por sinal um jogador de boa categoria: — Pacheco. Não desejamos saber que razões levaram o popular clube do Lima à aplicação da pena, mas o facto merece referência, por denunciar excelentes propósitos de não consentir, seja a quem for, actos de indisciplina.

Em boa verdade, nem todos pensam da mesma maneira. Parabéns, portanto, ao Académico,

FUTEBOL — Causou certa surpresa o resultado e a vivacidade do F. C. do Porto no jogo do Lumiar A, isto depois de um jogo desinteressado e pouco feliz contra o Oriental, na frente do seu público. Os portuenses, que vibram com o bom trabalho da sua primeira equipa, aguardam a próxima jornada com interesse. Na verdade, os campeões nortenhos devem aos seus admiradores um jogo que os reabilite convenientemente, devendo evitar ao mesmo tempo surpresas que possam folhar-lhe a carreira...

✦ O campeonato regional de juniores ofereceu-nos a segunda jornada agradável. Começam algumas equipas a impor-se, apontando-se desde já as suas possibilidades. O grupo do F. C. do Porto, com 6 pontos sem resposta, em dois desfeitos, impressionou os seus adeptos. No último domingo verificaram-se os seguintes resultados: Porto-Académico, 5-0; Gela-Colmbra, 0-4; Salgueiros-Leça, 2-0; Boavista-Leixões, 3-0; Cuf-Valadares, 3-1; Candelo-Avinces, 6-2; Vilanovense-Oliveira do Douro, 2-1; Candelo-Gervido, 2-2.

ANDEBOL — Retomada a normalidade, efectuou-se a segunda jornada do campeonato regional. O F. C. do Porto ganhou ao Académico por 8-5; Vilanovense-Boavista, 11-3; Vigorosa-Leixões, 5-0 e Leça-Salgueiros, 7-4. Boa «forma» do Vigorosa e prometedora época para o Vilanovense e o Leça, foi a indicação do segundo dia de provas.

BASQUETEBOLE — O Vasco da Gama já empatou em pontos com o F. C. do Porto, mercê da derrota infligida aos azuis brancos pelos fluvialistas: — 35-24. Os campeões vascos, por sua vez, ganharam folgadoamente aos Gúlfos: — 56-39. O campeonato deverá pertencer-lhes novamente.

CORTA-MATO — A prova «Mistério», organizada pelo F. C. do Porto, entre os seus praticantes, concluiu-se com a vitória de Leonel Magalhães, seguido por Carlos Miranda, Adelinho Gonçalves e Américo Carneiro.

HOQUEI EM CAMPO — Começou a disputar-se o campeonato regional desta modalidade, tendo jogado: Porto-L'Air Liquide, 0-0; Ramadense-Académico de Espinho, 5-0; Académico-Sport, 3-0; Leixões-Gala, 4-0 e Vigorosa-Vilanovense, 3-0.

E CICLISMO? — Estamos na época da velocidade de curta-mato. Entretanto, não se organizaram ainda provas, e os nossos ciclistas, segundo parece, não se dedicaram ainda aos treinos. Porque esperam? As provas de *corta-mato* servem de excelente preparação para outras competições. Todos os praticantes deveriam ter isso em conta...

Portuenses:
Assinem a STADIUM

Mais dois torneios antes do campeonato

Decididamente se prova que a Associação de Lisboa não tem pressa nenhuma de começar o seu campeonato.

Torneio de Abertura, Taça Dr. Teotónio Pereira constituem o esperado programa preparatório da competição oficial; no entanto, o organismo regional cedeu aos clubes mais duas datas, aproveitadas pelo Oriental e pelo Sporting para dois torneios destinados, o primeiro às categorias de honra, o segundo às categorias secundárias e aos 1.^{os} grupos dos clubes da 2.^a Divisão.

A iniciativa do Oriental reunia quatro adesões apenas; «Caf» e Benfica continuam desinteressados.

Nos jogos de domingo, o Sporting eliminou o Oriental por 6-3, continuando invicto desde o início da temporada; o Belenenses e «Os Treze» empataram a 7 bolas, depois do prolongamento regulamentar.

Os «trezistas» começaram melhor, beneficiando da fraqueza de composição do grupo adversário, e chegaram ao intervalo ganhando por 6-4. Para a se-

gunda parte, os «azuis» trocaram três jogadores e o aspecto da partida mudou por completo, passando a pertencer-lhes o domínio, forçando o empate a seis, com possibilidades para melhor.

Porque assim não sucedea e porque no tempo suplementar cada equipa marca um tento, o jogo terá que repetir-se hoje, dia de Natal, pois o encontro entre os finalistas não pode ser adiado de domingo.

Mais concorrida foi a prova dos «leões», para a qual se inscreveram oito equipas; infelizmente, apenas dois dos quatro quartos-de-final tiveram realidade efectiva, pois «Os Treze» e o União Piedade não compareceram em campo, deixando os pontos respectivamente ao Belenenses e ao Sporting, sem necessidade de lutarem.

O Internacional bateu a reserva do Oriental por 2-1, resultado honroso para os vencidos, e a segunda categoria do Benfica eliminou o Glória por 4-2.

Maior interesse deve oferecer a próxima jornada, cujo sorteio ainda não é conhecido no momento de escrevermos, mas que

Ginástica pelos jogos

Para muitas pessoas, falar de educação física equivale referir-se a ginástica, esquecendo-se — ou ignorando — que a primeira designação abrange, por igual, o emprego dos jogos e dos desportos. A compenetração entre os três ramos da educação física, que por um lado se seguem e completam, permite, no entanto, e dentro de certos limites, processos substitutivos que em certas eventualidades são da maior vantagem, porque tornam possível o difícil de obter noutras condições.

Assim se poderá dizer, embora sem grande propriedade, mas de forma impressiva para o espírito dos leitores, que é viável compor um esquema de jogos que correspondam a uma lição de ginástica, nos seus efeitos completos, progressivos e metodizados.

Tal é o objectivo apresentado

reine grupos de bons créditos e experiência.

Não queremos encerrar esta crónica sem uma referência congratulatória ao reatamento da actividade oficial do andebol portuense, cuja crise foi enfim resolvida pela enérgica intervenção do prestigioso delegado da Direcção Geral dos Desportos, sr. Mário de Carvalho, que colou de vez as explicações habilidosas dos ex-dirigentes com uma nota oficiosa que falava claro e dano.

José de Eça

no seu último livro, «Lições de jogos para a juventude», pelo cap. Celestino Marques Pereira, que reuniu, em volume profuso e «eloquentemente» ilustrado, quatro séries de 3 lições de jogos, orientadas segundo a composição tipo da lição de educação física, e destinadas respectivamente aos alunos dos quatro escalões de idade: dos 7 aos 9 anos, dos 10 aos 13, dos 13 aos 17 e dos 17 aos 20 anos.

Trabalho digno de cuidadosa apreciação, este livro, pelo seu sentido eminentemente prático, acessível à compreensão de todos os eventuais agentes de ensino, escrupulosamente documentado no que respeita às características e finalidade de cada exercício indicado, corresponde a mais um valioso tributo para a escassa bibliografia pedagógica da educação física portuguesa. Nele encontram-se matéria para útil aplicação todos aqueles por qualquer forma incumbidos da educação física da juventude, sobretudo os que se vêem na obrigação de o fazer sem que lhes seja facultado o material ginástico indispensável, ou que não possuem os conhecimentos profundos de técnica e rigor científico indispensáveis à formação do professor de ginástica.

Para todos esses a lição de jogos, dentro dos moldes gerais apresentados pelo cap. Celestino Marques Pereira, será um precioso adjuvante no desempenho cabal das suas funções,

S. C.

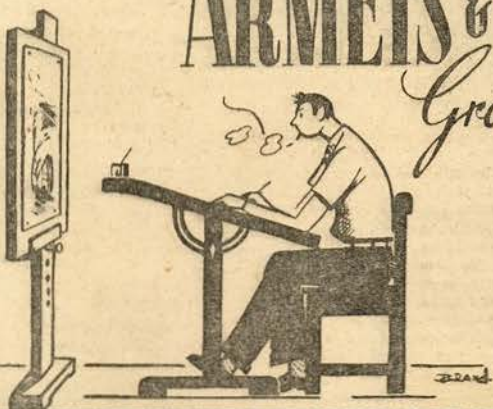
ARMEIS & MORENO L^{DA}

Gravadores

FOTOGRAVURA
ZINCOGRAFIA
TRICROMIA
DESENHO

36-A. T. DE S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TEL. 2 8055

O ATENCIOSO CUIDADO É A SENTINELA DA QUALIDADE





Capela defende por alto. Gomes e os seus companheiros observam...



Assim marcou Jorge Santos a primeira bola a favor da Académica...



Itá perigo nas redes de Belem. Feliciano afleta de cabeça!



Machado, o guardarede do Vitória de Guimarães, lança-se com êxito aos pés de um atacante do Estoril.



A luta entre o Estoril Prata e o Vitória de Guimarães esteve animada! Eis uma fase de movimento!

O ESTORIL PROGRIDE E VENCE



O Estoril jogou com ligação e oportunidade, aproveitando os momentos de remate: guardarede adversário em acção!



Os avançados encontram sempre um homem da defesa na sua frente, e a luta trava-se viva e renhida!

Stadium